

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA

MATEUS FERNANDES DE OLIVEIRA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CAMPO NO
DISTRITO FEDERAL E ENTORNO NO CONTEXTO DO
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA
AGRÁRIA – PRONERA: UMA ANÁLISE DO PASSADO, UM
APONTAMENTO PARA O FUTURO**

BRASÍLIA

2014

MATEUS FERNANDES DE OLIVEIRA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CAMPO DO
DISTRITO FEDERAL E ENTORNO NO CONTEXTO DO
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA
AGRÁRIA – PRONERA: UMA ANÁLISE DO PASSADO, UM
APONTAMENTO PARA O FUTURO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade de
Brasília como requisito para obtenção do título de licenciado

Orientação: Prf^a Dr^a Claudia Valéria de Assis Dansa

Área de de concentração: Educação do Campo.

BRASÍLIA

2014

AGRADECIMENTO

Todas as qualidades presentes em qualquer ser, por mais evoluído que possa ser / seja, também estão presentes em cada um de nós, em todos e em todas. As diferenças são o tempo e as oportunidades vividas por cada qual relacionado com as condições que tivera para que as realizasse. A possibilidade que neste momento minha pessoa realiza também é de todos e todas, companheiros e companheiras do campo, uma possibilidade realizável por vocês e por seus filhos, de acordo com as condições construídas para isso. Eu estou feliz, na minha condição de filho popular, pelas oportunidades que tive, pelas situações e por cada pessoa no meu caminho. A todas elas, imensamente agradeço!

Agradeço especialmente a Professora Claudia Dansa, cuja Orientação tornou-se parceria numa relação profunda de respeito e amizade. Pessoa que regou as sementes em mim semeando tantas novas espécies. Minha casa, amizade e floresta estão sempre abertas a ti.

Agradeço às minhas Cumadis e aos meus Cumpadis como a uma presença que se estende dentro de mim, constantes e suaves... Como uma mão ao volante em breves segundos de um sonho que se sonha ao romper da aurora.

Eu agradeço ao Marquinho Antônio Barato Ribeiro da Silva, pela influencia exercida quando de minha entrada na Universidade, e pela influencia que continuou exercendo dentro dela.

Eu agradeço a Darlana Ribeiro Godoi, que por tantos anos esteve ao meu lado, uma pessoa não depois, mas a partir da qual me reconheço um sujeito melhor. Ao Claudio Ribeiro Godoi, sujeito garoto enorme lindo de Ser, a quem eu nunca soube direito o que ser enquanto para ele isso parecia tão claro!

À minha irmã (zera) Marta Fernandes Monteiro e à sua família, por todo alento, apoio, confiança e força que me deram. Ao meu irmão e família, na nossa ainda dificuldade de apertar os fortes laços que nos unem.

À minha Mãe, Mãezra, Dona Ana, fortaleza chão total, fonte de sabedoria e luz que não acaba mais...

E a Fabiana Moreira Vicentim... Sabe um amor, desses, inteiriço fatal, que cresce primeiro e nasce é depois? É um desses que eu vivo com Ela, a quem eu parabeno pela decisão tomada e dou boas vindas ao curso de Pedagogia. As condições de tempo de cada um me fazem seu veterano, mas eu sou mesmo é seu companheiro, um colega no curso da vida, um estudante das coisas de nós dois.

DEDICATÓRIA

Ao meu Pai.

Como um prefácio

Não havendo o que possa dar conta do que concebo por educação nem o que lhe defina, sendo o que segue um trabalho de educação, o que propomos é traçar nuances. Queremos já dizer que gostamos da educação por ela ser possibilidades. Estaremos a falar de coisa que não se limita, não se restringe, nem nunca se mostrará em definitivo: essa coisa que se confunde com os passos da vida; essa coisa para a qual a consciência não é a força, mas o leme que lhe dá sentido no caminho através do qual nos transformamos no curso do mundo, momentaneamente deixando de existir e reexistindo.

*A educação não é uma fórmula de escola,
mas sim uma obra de vida¹.*

Célestin Freinet

¹Esta epígrafe é a vara de medir o curso deste rio que desagua abaixo. Onde ela não couber saberei estar perdido.

RESUMO

Esta monografia abordou as questões referentes à Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal (DF) e Entorno no âmbito do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Seu objetivo geral foi revisitar a memória dos projetos e identificar aspectos positivos ou que necessitam de revisão e aprofundamento e apontar direções para futuras propostas. Tomou como base de análise as experiências vividas pelos atores envolvidos, por parte dos Movimentos Sociais de luta pela terra, Universidade (UnB) e INCRA (Nacional e Regional). Metodologicamente orientada pelos paradigmas da pesquisa-ação e pesquisa participante, analisou-se entrevistas semiestruturadas, análise de relatos de experiências e depoimentos, bem como documentos relativos ao programa e aos projetos desenvolvidos. Percebeu-se que o Estado tem uma estrutura e ritmos mecânicos e burocráticos de funcionamento que impõem dificuldades aos trabalhos desenvolvidos por meio da política pública. Diante disso e na relação com este fato, apontou-se que as pessoas envolvidas com estes processos, na sua dimensão humana e orgânica, precisam despertar-se como sujeitos de vontade a fim de diálogo e mobilização que deem dinamismo às estruturas rígidas às quais os projetos são atrelados. Apontou-se que os sujeitos e as instituições, neste encontro, podem redimensionar seus ritmos e estruturas, para caminhar significativamente rumo àquilo que se deseja e necessita, àquilo a que esta política pública surgiu: uma efetiva educação do campo, realizada por educadoras e educadores do campo, mantida sua autonomia e especificidades culturais do campo em parceria com as estruturas governamentais, dentre elas a Universidade.

Palavras-chave: Estado, Movimento Social, Comunidade, Política Pública, Educação do Campo, EJA.

SUMÁRIO

MEMORIAL	9
INTRODUÇÃO	25
METODOLOGIA	27
<i>O universo amostral</i>	<i>29</i>
REFERENCIAL TEÓRICO	30
PRIMEIRA PARTE – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	
PRONERA: UMA CONQUISTA	30
<i>O grito</i>	<i>30</i>
<i>O eco</i>	<i>32</i>
EQUALIZAÇÃO	33
<i>Implementação: datas e normas</i>	<i>33</i>
SEGUNDA PARTE: TRANSCORRER TEÓRICO ARGUMENTATIVO	
SOBRE COMUNIDADE	34
SOBRE ESTADO	35
SOBRE DEMOCRACIA	36
SOBRE VIDA	38
SOBRE SUAS QUESTÕES	39
SOBRE AS PRECIOSAS DORES	40
<i>O porquê e o sentido da nossa abertura</i>	<i>41</i>
SOBRE A COMUNICAÇÃO	42
<i>Diálogo</i>	<i>42</i>
<i>O despertar das coisas: sedução</i>	<i>44</i>
<i>O namoro</i>	<i>44</i>
SOBRE AS PESSOAS QUE SE COMPARTILHAM	45
<i>O fruto a partir de quem o ingere</i>	<i>45</i>
Sobre um e outro: O eu-tu e o eu-isso	45
<i>A ocupação dos espaços que preenchemos</i>	<i>46</i>
<i>Consciência</i>	<i>47</i>
SOBRE UMA FORMA DE ESTAR NA COMUNIDADE	49

SOBRE EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA	50
UMA FORMA DE VER A EDUCAÇÃO	52
SOBRE OS CONECTORES	52
<i>O correspondente céu</i>	<i>52</i>
<i>O correspondente terra</i>	<i>54</i>
RESULTADOS	56
O PERFIL DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS	56
VISÃO SOBRE O PRONERA	60
AS ESTRUTURAS BÁSICAS DO PRONERA EJA	62
O RECURSO FINANCEIRO	63
MODOS DE SER	65
ASPECTOS PEDAGÓGICOS – A COMPLEXIDADE DE EDUCAR JOVENS E ADULTOS	70
DISCUSSÃO	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83

MEMORIAL

Partamos de Brasília 2014, meu ponto atual. Existem vários outros onde me encontro. O primeiro deles fica no interior goiano cujo nome vem de uma professora que se chamava Jussara. Lá viviam João e Maria. João era boiadeiro, Matias Fernandes; Maria era Ana, Maria de Oliveira. Casaram-se. Através deles veio Marta, Marco e Mateus; daquela união, os três Fernandes de Oliveira. Pai da Bahia, mãe mineira.

Nos buracos do queijo veio toda sorte de bondade severa. No fundo da algibeira do jaleco de couro curtido, toda sorte de paciência. Ela tinha uma firme voz, e ele o jeito de só chamá-la de *Cheiro*. Jovens, ele tinha três anos mais que ela.

Meus avós maternos juntamente com meus *bisos* vieram de Minas Gerais, abarrotados de um monte de coisas, apertados num tipo de sentimento de família que de repente se aparta, entre uns que ficam e que outros se vão.

Esta viagem durou, durou. Trouxeram dois meninos, e uma menininha que viveu uma viagem muito longa, que nunca esqueceu. Um dos meninos chegou já mortinho.

Jussara tinha dentes de leite. Lá adquiriram o lugar *Marreca*, de boa terra e boas águas. Do que plantasse ou desse cria: arroz e milho, muitos porcos e galinhas: uma tulha de quase tudo. Prosperidade era um troço de valor diverso, muita forma: um capado gordo e ser compadre / comadre de muita gente, uma segurança vizinha...

Onze filhos, ali e dali alimentados. José, Ana, Vicente, Valério, João, Antônio, Evandro, Enir, e Aparecido José. Nove meninos e duas meninas. José que era mais velho levava Ana às festas, amigos unidos demais. Depois ela ficou sendo a mais velha de todos, quando a tristeza pôs nódoa no seu vestido e as festas ficaram longe, demais da conta.

... Ana de Antônio José – Seu Nego – mais Maria.

Ana leva as marmitas na roça. Os meninos labutam. Seu pai, meu avô carreiro, do seu fazer seu ensino. Paturi que voa... rio acima é chuva. O labor de todo dia tinha o sabor de estarem juntos, onde cabe toda arte.

Todo mundo tem língua de papagaio. Ana foi à mina, e ainda não voltou. Vai ver quebrou a cabaça! Mas não quebrou não. É que quando deita no capim fica demais, esquecida do tempo. A vida é um presente. Com ela é que o pai tem mais paciência.

Mas agora repousa essa passagem. Minha tinta é pouca, ainda que se derrame. A paisagem de cada um é do tamanho de nós. Fique à vontade e componha. Carecendo de uma moldura, temos essas linhas gerais.

São José... Já passou muita água embaixo da ponte. Monjolo bate no coração da gente.

A lembrança mais antiga que eu tenho é assim: eu, meu pai, minha mãe, uma noite no cerrado, no meio do pasto, voltando pra casa d'algum lugar. No chão estava tudo macio, d'um veludo. Nunca vi escuro tão iluminado. Essa lembrança fica pendurada na minha memória, como um brinco de enfeite. Eu estava de cangote nele, quase quase dormindo. Aquele seu João Matias Fernandes de tanto montar a cavalo pegou o jeito, tinha um tipo solavancos de andar que era um balanço. Estas são as saudades no meu corpo do corpo dele. Aquela noite, aquele lugar... As coisas verdadeiras da gente elas não carecem de escritura. Mas vou lambendo esse gosto de infância, que recordar é como um reacordar da gente.

Lá onde nós morávamos o rancho era de pau e palha, muito antes da casa pau e telha. O puxado era cumprido na linha do sol. Tinha um fogão onde eu e os irmãos sentávamos pra criar nossos próprios vagalumes riscando no ar fugacidades vermelhas com a brasa da ponta dos gravetos, toda noitinha.

Atrás do rancho tinha um pé de pau que se chamava Peroba Rosa e outro que era um Ipê, que dava lindas flores amarelas, que do alto das grimpas vinham pousando em voos giratórios pra deixar o ao d' redor paraíso. Duas semanas depois rebrotava tudo. Vinham chuvosos meses e quentes mormaços, de muitos pássaros e perigo de cobras diversas. Um prazer rever-te.

Quando a chuva vinha pela noite era um desassossego. Mas só se vinda da banda curral. Então tínhamos de recolher os colchões... Capim de colchão não agradece água: mofa. Pelas bandeiras vinham vazando muitas águas e os raios relâmpagos.

Gostoso mesmo devia de ser dormir em casa que não molhasse por lados e bandas e teto. Saber eu sabia só por poucas dormidas de noites na casa de seu Nego, aquele meu avô carreiro. Lá sim se podia deitar e ouvir o barulhão da chuva, o som do céu.

Lá em casa nessas horas era diferente. Ventania distorce tudo. Casa velha geme. Só por mão de Deus é que não avoa, mãe dizia. Os clarões dos raios-relâmpagos davam de entrar por todas as brechas. Medo desespero não dava não, mas medinho, desses miúdos, tinha como evitar não, porque medo desses deve de ser é de metal, que quando trovão trovoa lá nas alturas seguido de claridade daquelas que duram-duram dão um belisco no corpo; aí a gente fica, e estremece em tremuras.

Mãe logo vinha, gostosa protetora: “Que cê tem, Mateus?” Sentia na voz dela que de nada com ela não temia: era só com o filho seu que se preocupava, só. “Tem nada não, mãe... é medo... que treme lá dentro”, eu respondia. “Chuva passa, porque chuva é passageira, e ela é

boa sempre – aí ela explicava. Mas o sol é morador.” A gente se embrulhava nesse manto e dormia.

Lembra-te que alguma vez a mãe santa sua já cobriu o corpo todo seu com o corpo todo dela, com sua vida única, num abraço protetor de proteger até de tudo, e quis que Deus fizesse passar a chuva.

Mire e veja, pensar ajuda a descobrir o valor quente que o sentimento tem na gente. Aí é que tudo na pessoa se esquentava e se amolece, de adormecer nos fundos profundos; a memória apraz, regozija; um modo de estar.

De manhã bem cedinho o cheiro vinha acordando a gente. Depois da chuva o sol fica mais brilhante. Lá fora em todo quintal e pasto tudo era festa.

Meu pai foi bom boiadeiro, sua humildade, seu respeito. Sua dedicação sempre foi gratuita. Tudo que pode deu. Seu merecimento foi viver a vida inteira.

Quando se casou com minha mãe foram ser retireiros em fazenda alheia, no Seu Chico Rebouças, dos primeiros de lá fundador. Vieram os dois primeiros filhos, de nomes da Bíblia Sagrada: Marta, Marco. Por aí que meu pai sofreu chagas. Fez tratamentos. Chagas de intestino, doença do barbeiro. Operou cirurgia, depois deu hérnia intestinal.

Meu avô tinha deixado a Marreca. Fez uma fazendinha mais perto de Jussara, do lado. Mesmo assim dos seus filhos só *quartas séries*.

João e Ana, Marta e Marco foram para um lugar que se chama “A Chacara”, perto da cidade também, pertence de Salvador, baiano “bigode de aço”. Ela dava conta da porta, e bastava. Nalguma melhora João era requerido a um trabalho, e ia. Mesmo sem poder, montar não podia, mas montava. Meus irmãos cresceram três anos por lá.

A doença de João era dele só. Seu burrico sadio, Bulinete, manso destro, vinha todo dia à porta à hora da lida acertada entre os dois. Hoje João não ia, amanhã também não. O médico dizia que não mais. O animal foi perdendo o hábito.

O burro vadio no pasto: João arruinou da cabeça. Tal desarranjo do juízo. Tinha que tratar em Goiânia. Ana embrulhou o marido e os filhos na coragem e se mandou pra capital. Sua astúcia pôs João na Comurg, Companhia de Urbanização de Goiânia, função de gari. Manobra protocolar; eles garantiram a manutenção pra correr em tratamento de clínica em clínica, INAMPS e o escambo. Numa melhora e outra da situação, ela chamou um irmão e pôs vendinha no bairro; João ficava em casa organizando atestados. A merceariazinha deu renda, o irmão quis a parte, ela deu conselho, ele não quis, ela não impôs, ele esbanjou algum tempo e depois...

Goiânia era a opção pela doença. Veja lá, ela não quis, virou para trás e, como ela diz, *a gente tem é que viver!*

Seu Nego chamou Ana pra perto dele. Ana disse sim, mas com parcela: *A mãe de João mora em Goiânia, pra ela eu não devolvo. Temos os meninos; Deus dê saúde!*

Pedi um chão. Seu pai reuniu os sete filhos e falou que cercassem um pedaço no centro da sua terra, onde tivesse pasto e córrego. Botaram dentro um rancho. Ana foi para lá, levou com ela os seus, a Família de Ana Maria. Assim se assentou o que era. Ela se firmou pro que vinha e mirou o que queria. Abriu-se pra mim e eu vim através dela, em março. Ela sentiu que faltava e que cabia mais alguém; seu marido tinha melhorado, veja a força da terra. Nasci em 31 do 03 de 1981.

Um mês depois veio uma zanga forte no meu pai, de Goiânia sugerir São Paulo. Lá se foram pra aquele mundo! Depois o pai ia contar apuros, e achar graça. Os filhos ficaram com a mãe dela, eu fiquei com eles. Eu era o caçula e fui o que menos mamei, só um mês só. Dizem que eu era gordinho. Minha avó Maria deve ter-me dado leite de tudo que é bicho.

Essa noite passou que eu nem lembro. No dia seguinte eu vi a maior horta do mundo: enormes canteiros altos de terra preta com esterco de vaca. Aquilo era um exagero de fertilidade e fartura. Ela punha na cabeça da irmã Marta e do irmão *Marquim* uma bacia de alumínio cheinha de tudo que era erva fina e verdura... Frio orvalho. Eu via era uma chance de dar um passeio na cidade e garrei forte no propósito, até conseguir uma baciuzinha pra mim também. Aquilo era fácil demais, dali uns três quilômetros, rapidinho vendíamos tudo. Um dia que um moço remedou a gente, só que em vez de gritar “olha a verdura” gritou “olha a véia dura”, e a gente fez festa com aquilo.

Os meninos estudavam de tarde, na cidade. Eu não estudava ainda não. Mas a Marta queria ser professora e eu sofria o diabo na mão dela. Não sei se foi ela quem me alfabetizou, vai ver foi, mas que eu chorava um destempero, disso eu lembro. Eu tinha receio de cobra, repugnância de sapo e corria longe de uma professora.

Meu pai experimentou o gosto e viveu as consequências de muitas coisas. Veja, havia um troço com nome de marca fria, de marcar gado sem fogo, era uma brasa líquida que se comprava num frasco. Junta-se o ferro breado disso na pele da rês: sai fumaça. João bebeu um golo, sei que me contaram. Ficou com estreitamento de esôfago e a ocasião deixou uma marca de precedente.

Minha mãe tinha três olhos, via fundo demais. Às vezes o tempo dentro de casa ficava choco, gorado ou prenhe de serpentes, como se algo ruim estivesse pra nascer. Eu lembro, ela

dava fé, procurava o laço e não via; saía com a gente pra dar uma volta, *ver o ninho da égua*, nas grotas, nos pastos, nos capões de mato, e pedia pra gente gritar forte. Ele voltava com a corda.

Não sei o que era aquilo, a atmosfera era um limbo. O horizonte era o fim do mundo e era bonito. O grito da Coã atravessa a gente, o canto do urutau abre um oco que dá pro outro lado... Minha avó de Goiânia falava da vinda de Jesus, do céu, com fogo. Depois de muitas árvores lá longe tem uma árvore muito erguida com uma forquilha mirante onde pousa o gavião e eu vigiava Deus. Tinham aquelas imagens dos livros, Ele ia vir destruindo tudo, a salvação era incerta, eu tinha um estilingue que com ele havia estilingueado um anum... O bicho não morreu, mas ficou morrendo; eu chorei foi muito, pedi pra não morrer não mas ele morreu. Foi bem lá. Eu sei, atravessei pela primeira vez foi ali, sim senhor.

Aquele lugar era cheio de talismãs. Havia uma estrada pela qual íamos à casa de nossos avós, atravessava um babaçuzal, fazia curvas e tinha um riachinho onde ela lavava o lombo, e era curioso porque depois disso ela ficava verde coberta de grama. Nas noites de estrela d'alva vinham duas serpentes Caninanas que ficavam de valsa, de amarelo e preto.

De repente ganhei uma capanga, mas essa não era pra o estilingue e sim pra os lápis e caderno. Propunham-me um jardim de infância, mas eu vivia lá naquele éden. Mesmo assim, foi dando uma boa vontade, tinha uma professora bonita carinhosa e um menino que me deu uma bolacha recheada. Eu gostava do lápis cor de leite-com-café-queimado. Fui bem. Lá era a Escola Municipal Jandira Ponceano dos Passos.

Depois veio a Escola Estadual Ramos Caiado, onde tínhamos que fazer fila na frente da bandeira, cantar o hino e dizer reza. Fui tomando consciência de outras coisas: da beleza feminina, da panca dos meninos em bando que punham medo; de que pra comer as rosquinhas no portão da escola tinha que ter moeda, e de que dava pra comprar fiado e que depois isso dava um boró danado.

No caminho da escola morava uma tia. Na casa dela tinha televisão, e passava em tais Jaspion, Jiban e Jiraya. Reprovei na escola, terceiro ano primário. Sobre isso minha mãe deu conselho.

Alguma coisa parece que estava se definindo entre mim e meus irmãos. Depois disso reprovei também na quinta série. Minha mãe queria entender por que, hoje eu pergunto como não reprovei todos os outros anos também. Eu não gostava e não via sentido nenhum naquele espaço. Aquilo era um troço.

A força, sacrifício e severidade de minha mãe mantiveram-me no percurso da escola, com três repetências, até o momento de seu filho despertar para recompôr de significado aquelas coisas, aquele lugar.

Eu já repetia o primeiro ano colegial pela segunda vez, no Colégio Estadual Dom Bosco. Então eu quis estar presente na escola pela primeira vez, e de certa forma foi a primeira vez que estive.

Foi ficando consciente em mim uma forma de estar naquele lugar, uma vontade de ir e de sentar nas suas cadeiras, de tomar posse delas e de tudo. Os muros foram perdendo a força de opressão². Lembro-me que sentia uma coisa ruim quando passava ao lado das escolas, mesmo quando de férias. E agora eu brigava no portão para adentrá-los quando atrasado. Os adentrava com um sentimento triunfante e experimentando um gosto reverso de rebeldia e revolução que já não era mais matar aulas e sim as assistir e cobrar por elas.

Isso caiu como uma afronta, porque esse gesto de alguma forma queria dizer e dizia que eu não era burro, que não havia problemas comigo, que as estúpidas ameaças que me vinham no sentido de ser igual a meu pai, minha mãe, meus tios, vós e bisavós só era mesmo uma estupidez.

Certa vez uma professora, cujo sobrenome Bomtempo se conjuga com Rebosas, atacou meu desinteresse fazendo menção ao sacrifício de minha mãe, que via passar montada sobre uma carroça transportando sacos de palhas de arroz para fazer forragem às galinhas, galões de soro do laticínio para os porcos. Sermão é sempre sermão e um gesto com um nome desses nunca cai bem... Ela não sabia da missa um terço: que eu siscava junto com as galinhas, que me banhava com os porcos, que antes deste tempo laviam os tempos das mandiocas que pegavamos de meia para fazer farinha e povelho: cascar, ralar, lavar e prensar juntos a massa da mandioca pro povelho doce, torrar a farinha. Ela não sabia que quando a carroça quebrou o pé de minha mãe eu estava lá, que caímos juntos, eu, ela, cavalo e carroça dentro da ponte, mais um monte de panelas alumínio-arara de um vendedor-mascate que foi embora e deixou a gente lá. Sempre juntos, eu, ajudante protegido dela, que ela fazia parar o trabalho mais cedo sempre na hora de ir pra escola, que ela dispensava todo dia certa hora pra fazer as tarefas, quando eu dizia “não tem tarefa não; hoje não tem aula não...” Porque fazia sentido as marcas do trabalho na mão, as cicatrizes no dedo torto, mais do que qualquer coisa que eu pudesse ver por lá. Então aquela professora atacou um conjunto sagrado de coisas

²*Qué pasa con las golondrinas que llegan tarde al colegio?* (P. Neruda, 1904 – 1973).

guardanas numa consciencia de valores que a escola não atingia comigo. E talvez eu fosse quem mais entendesse de burros por alí.

Mas então eu já queria que a escola me admitisse e aceitasse.

Alguma coisa não deu certa e o conflito se instalou. E os ambientes que antes serviam de ameaça para silenciar-me tornaram-se os ambientes no rumo dos quais fiz caminho. Botei uma cadeira particular na frente da mesa da diretora e separei uma de suas xicaras, pra tomar café. Houve uma semana em que estive lá seis vezes em quatro dias. Uma hora eu era mandado, outra eu pedia licença e ia. Uma professora chamada Valma que era “o terror” começou a me dar textos sobre Marx e sobre o marxismo. Eu também achava aquilo muito “de graça” e não lia. Comecei a escrever sobre as coisas, encontrei outra professora que gostou do que eu escrevia, deu incentivo. Passei a reunir pessoas nos espaços de recreio entorno de questões que eu achasse polêmicas. Vivi as posturas que defendia, blasfemei horrores sobre Deus, sobre sua então única face que me pregavam. Tornei-me um pouco excêntrico. Desenvolvi a capacidade de argumentar, manobrar palavras e intensidades, manipular emoções, seduzir, e a escola já me ensinava a mentir desde criança.

Busquei conhecimentos em outras fontes, encontrei outras referências culturais. Compus uma identidade “roqueira”, deixei os cabelos crescerem, essas coisas.

Em casa eu não falava com meu pai já há três anos...

Eu ia para o colégio com uma camiseta branca, e um dia decidiram que eu não ia mais entrar, porque não estava uniforme. Lá em casa tinha uma camiseta deste colégio, de alguém que a usara aos sete anos, batia no meu umbigo. Argumentei com a porteira, fui pra secretaria, falei com a coordenadora, ela disse no fim que a questão era a falta de *embrema*. Cortei a embrema daquela camisetinha e costurei na bunda da cueca e no dia seguinte na hora que fui barrado baixei a calça e estampeí o que eles queriam. Todo mundo ficou eufórico, eu fiz um breve discurso sobre isso e meu caminho se abriu pra sala. Depois fui chamado pra conversas mansas, de “isso não pode, te entendemos, mas...” Falei “tá bom”, como se não quisesse ficar brigando com gente covarde. Costurei outra vez a emblema na camisetinha, cortei-a na altura do umbigo e frequentei o resto do ano com a barriga de fora.

No ano seguinte uma galera se reuniu a fim de “dar um grau” no colégio. Fomos em busca de apoio, mas não tínhamos um nome. Formamos eleição; seria o segundo grêmio da história do colégio, o primeiro havia sido quinze anos atrás. Surgiram duas chapas, uma composta comigo na presidência, outra por um conjunto de alunos e alunas de mais idade. A campanha destes foi falar mal daqueles, que ganharam muita popularidade. Marcamos um

debate, a “carta” da chapa oposta foi deslegitimar a nossa atacando minha pessoa, apontando meus modos, minhas roupas e principalmente meus cabelos. Eu sugeri que todos rapassem a cabeça e continuássemos o debate pelados. Saíram da mesa. No dia seguinte teve a eleição. Havia mil e quinhentos alunos no colégio, obtivemos oitenta por cento dos votos.

Nesta época participei de uma reunião de campanha na casa do candidato a prefeito da cidade pelo PSDB, convidado pela professora Norma, aquela que me incentivara a escrever e acompanhava meus escritos. Esta quis que eu fizesse uma fala. Eu fui, por ela, e também porque eu estava excitado com aquilo. Fui lá e falei umas coisas, sobre os jovens, parafraseei uns poetas. Todo mundo ficou numa histeria... O tal candidato assediou-me para sua campanha e para as eleições dali a quatro anos. Eu agradeci com um talvez e solicitei o clube do parque agropecuário no período das próximas festas agropecuárias, caso ele se elegesse, a fim de que o grêmio do colégio se projetasse e arrecadasse uma grana. Foi concedido, ele se elegeu, cumpriu. Eu e Norma articulamos o trabalho.

Este grêmio elegeu para a direção do colégio a pessoa que nos aprazia.

Por fim fui distanciando-me do colégio, ele nunca me foi interessante; o que aconteceu ali naqueles últimos momentos foi uma proposta minha para mim mesmo dentro dele, talvez porque eu não tivesse coragem de o abandonar em respeito ao trabalho, vontade e sacrifício que minha mãe fizera e fazia para que eu estudasse, assim como para com meu irmão, que fora morar com nossa avé em Goiânia, ainda no seu fundamental, e para com minha irmã, que se mudara para a casa de nossa Tia Erin, na cidade. Estes dois terminaram seus estudos colegiais por dedicação, eu por respeito ao esforço dela. E por alguma coisa mais que eu não sabia.

Acabei concluindo o ensino médio da maneira mais rápida e menos penosa: pelo supletivo.

Lia bastante. Pus-me a escrever o início de um livro. Li tudo que me chegou de filosofia, dos romances de Kundera a Chopenhauer... Especulei na minha imaginação os mundos, os seres e o céu. Tenho um conjunto de estrelas preferidas.

Eu brinquei desde sempre; num lugar como o que eu cresci as coisas brincam com a gente. O trabalho na infância... Sim, é uma coisa séria, assim como brincar também é sério. Em alguns contextos familiares, o trabalho é coisa do que talvez a necessidade vire pedagogia e se torna muito importante. No meu caso e contexto, eu não catava coco de babaçu em todos os arredores, eu inventava percursos, apostava corrida com seres invisíveis, saltava obstáculos. Brinquei e trabalhei sempre. Custoso? Eu fazia custosuras.

Tive um primeiro emprego ainda novo por insistência minha, de tirar leite de cinco vacas num vizinho ali perto, seu Lavô, que bebia na cidade e voltava sem força de ordenhar. Até que um dia ele chegou tra-lá-lá e imbirrou que eu não tinha tirado direito o leite de uma vaca e aí eu soltei os bezerros, entreguei as peias, o banquinho e o balde. Já tinha trabalhado dois meses, comprei um liquidificador pra bater abacate e um ventilador pra refrescar a cuca. Lá em casa então já tinha chegado energia elétrica, minha mãe já tinha construído uma casa de alvenaria. Depois fui de jornaleiro, de cantineiro, de servente de pedreiro e por fim de churrasqueiro. Sempre tirava leite pela manhã e entregava nas freguesias da cidade, de carroça. Na volta trazia o soro do laticínio.

Lebra do burro Bulinete? Ele era memória de meu pai, de uma época que ele agora contava nos versos, segurando um copo de pinga na mão erguida. Versos de boiadeiro que ele rimava, vários, pra alguém beber, porque ele não bebia.

A avó Maria falecera eu era pequenito, alembro da tarde, da multidão, da minha mãe levando a gente lá pra despedir. Meu avô vendera metade das terras com o tratamento dela, ao Salvador bigode de aço. Então faleceu depois. Minha mãe perdeu um pai que ela teve. E assumiu pra si ser o esteio que ele fora, que toda família requer.

Ana ficou com suas terras já empoçadas, de herança dois alqueires, fez tripas coração para comprar mais um de um dos irmãos, e evitar que seu Salvador arrematasse tudo. Tinha uma égua troncha que era uma beleza. A carroça é que não aguentava de ficar toda bamba. Deus escreve em linha torta. Eu passava reto. Aquilo tomba fácil demais.

Com o tempo eu passei a só tirar o leite e minha mãe a entregar, muitas vezes ela tirou também. Tinha um gato que ia pro curral todo santo dia, seu nome era bilau.

Eu chegava do trabalho, tomava banho, lia e escrevia contos trepado nas árvores do arredor de casa, estudava pela noite e depois do colégio marchava com uma turma de seis pessoas para a beira de uma gruta por ali onde tomavamos banho, e duas garrafas de Pirassununga, além de que pegávamos uma galinhazinha da vizinhança, a mais perto era lá em casa. Tocávamos violão e caia no sono por volta de duas da manhã. Foi assim um bom tempo.

Há um episódio que merece menção e outro que merece nota. O primeiro é sobre essa gruta, o *Cacique Mojo Risin*. Tem esse nome pelo fato de que ouvíamos *The Doors* neste tempo e faz referência ao chamã que acompanhava Jim Morison em seus transes. Depois criei um conto sobre a origem deste lugar, e este conto que tem o seu nome já levou algumas pessoas de muito longe para conhecê-lo. O segundo episódio diz respeito a um vendedor de

panelas ambulante que me pega chegando do curral pela manhã embaixo de chuva com um baido galão de plástico cheio de leite no ombro. – “Moço, quer comprar panela?” Eu lá, com cara incrédula, sem saber como aquele rapaz fora parar ali àquela hora. – “Moço, oferece pra minha mãe.” – “Já ofereci, ela não quer não.” – “Bom, moço, então eu também não quero.” – “Sim, mas você vai pra cidade agora?” – “Vou.” “De quê?” “De carroça.” “Dá uma carona?” “Dou, mas espera que tenho que ir no pasto buscar a égua”.

Lá fui, busquei e ajeitei a carroça, pus o latão de leite, pulei dentro e falei, “Vamos?” “Vamos”. Pôs aquele monte de panelas atrás e foi, “olha o buraco, olha a bacada, cuidado com minhas panelas, vai amassar, olha, vai devagar!!!” Minha mãe foi junto, a gente olhava um pro outro... Chegou no correio depois do qual está a cidade, o moço perguntou: “é seguro?”, eu disse *é*. Ele disse *eu vou descer; se importa?* Não, respondi.

E foi na frente, quando já estava do outro lado, o safado deve ter se lembrado das panelas e deu um pulo para trás, tipo, “já tá bom, daqui eu chego caminhando”. A égua troncha cismou com o moço e tacou a gente lá embaixo, eu minha mãe, as panelas, carroça e tudo. Minha mãe machucou a coluna, teve que usar um aparenho ortopédico por bastante tempo, até hoje tenho um galo na cabeça, porque lá embaixo tinha mais pedras que água. Acordei do desmaio sendo puchado pelo pessoal de uma firma que ficava na entrada da cidade, o antido Goiás Rural, hoje Crisa. E como é que vocês sabiam que a gente estava caído aqui? É que passou um moço lá com um monte de panelas retorcidas e resmungando algo do tipo, tomara que morra...

Pois é, eu e minha mãe passamos juntos por umas tantas dessas, e a ligação é muito forte, quando vejo minhas conquistas se aproximando penso em o quanto ela é vitoriosa.

Vim para Brasília em 2002, alguns meses depois de ter conhecido uma forasteira que se chama Darlana; começamos a namorar, ela trabalhava no banco, saiu sua transferência para a capital federal, ela veio, eu vim passar um fim de semana e fiquei; casamo-nos, tivemos duas gravidezes interrompidas do quarto mês; ela viveu e eu passei por isso. Estivemos casados por oito anos. Minha vida se enriqueceu bastante com essa pessoa, sou alguém melhor hoje, e não digo que o seja depois, mas a partir dela.

De tudo ficou uma pérola: o Claudio, Claudio Godoi Araújo, filho que quando nos conhecemos tinha seis anos, e me buscava por pai em seu amor. Ele era certo, eu que estava verde. Este, ele já nasceu maduro com suas propriedades.

Trabalhei quatro anos de peixeiro na feira do guará. Foi lindo, tempo de espera, de observação, de coleta, de preparo. Eu vendia peixe e lia. E escrevia também, saiu um

romance, que editei com ajuda de Dasi Antunes, a Tikinin Paulista. Depois parei de publicar e passei a recomendar as pessoas que não o lessem. Este livro fora uma forma de eu experimentar a profundidade sórdida da minha imaginação. Seja o que for o livro, com ele afinei o dom, passei a escrever outras coisas.

Neste tempo a Darlana se graduou em pedagogia pela FE/UnB e eu deixei a peixaria, passei no vestibular também, Pedagogia, entrei no segundo semestre de 2008. Um ano depois conclui a grade do curso de Letras pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), aluno PROUNI. O fiz por incentivo dela. Devo dizer que este não me tocou, não sinto que o fiz, ou que o que tenha feito seja significativamente válido no sentido de uma formação. Ainda não fiz jus ao esforço da Darlana indo buscar o diploma.

Meu primeiro vestibular para a UnB foi em 2006, filosofia. No dia da primeira prova saí direto da peixaria, um tanto atrasado. Fiz um vale, fui de metrô até o centro de Taguatinga, de lá peguei um taxi, que fechara o valor, R\$ 20,00. O taxista confundira o endereço, chegou ao local faltando trinta segundos para fecharem os portões, disse que a corrida eram trinta reais. Nem discuti, passei a grana e *fui*. Ao sair da prova, conheci um sujeito cabeludo chamado Marco, batemos um papo, falamos das nossas aspirações como se já fosse realidade: eu era guitarrista e ele cantava numa banda; beleza, a gente se vê! Parou um carro, ele se mandou e eu que nem sabia onde estava percebi que aquele taxista tinha me levado a grana toda. Caminhei uns trinta quilômetros, todo ônibus que passava eu queria parar, mas a bendita da minha imaginação antecipava a cena e nela eu via o cobrador me olhando com cara de quem olha para um caloteiro... E eu continuava a pé.

Não passei no vestibular, nem esse Marco. Depois de bastante tempo a Darlana, já na faculdade, mencionou um sujeito *que eu devia* conhecer. Certo dia, voltando de São João D'Aliança pelo projeto Mulheres das Águas, esse camarada dá uma carona... Eu escuto a voz dela, *Entra, ele deve estar aí, a porta está aberta*. O “bicho” vai entrando e eu estou lá ouvindo *Pink Floyd* com um cigarro entre os dedos. Veja que arranjação da vida: era o mesmo Marco que eu não via desde aquele dia. Então eu soube que ele passara no vestibular seguinte àquele.

Pois bem, muita festa, nada de guitarra, mas tocamos um violãozinho. Numa dessas o Marco apresenta lá em casa outro sujeito, o qual nunca mais vi por um tempo, até o dia que este resolve sair de rua em rua batendo de casa em casa: “É aqui que mora o Mateus?” Eu trabalhava na feira de quita a domingo. Era terça. Eu ouço aquelas palmas vindo de casa em casa, até que bate na minha. Eu saio...

“É aqui que mora o Mateus?”

“O que você quer?”

“Eu quero ser amigo dele!”

E aí a gente ficou amigo pra caramba mesmo.

Eu tinha ficado impressionado com aquilo. Entramos, compramos um pedaço de acém, uma pinguinha e fizemos um churrasco. Era meu dia de folga! Virou um amigo daqueles. Este foi a Jussara conhecer o *Cacique Mojo Risin*, que segundo ele parece a lagoa do *Jason*.

Quando eu e Darlana nos separamos fui morar com este Cleuber, depois com ele e sua companheira Bruna, quando se casaram. Isso significou para mim algo bem semelhante a uma base afetiva relacional familiar, até eu sair pra estabelecer um cantinho de recolhimento, onde eu ficasse comigo até não me confundir com nenhuma outra coisa e nem deixar de ver qualquer coisa que em mim houvesse. Por circunstâncias, também morei na casa da cumadi Deise, e depois na casa do companheiro Itamar, com seus pais, Dona Vita e seu Saturnino, perto de sua irmã com o companheiro dela, mais os meninos Samuel e João Mateus, lá no PA Contagem. De todos guardo muito boa saudade.

Em 2008 quando entre pra UnB o Marco ainda fazia o curso, já bem envolvido com a Educação do Campo e com a Reforma Agrária. Boa companhia, mas eu adiei meu encontro com este espaço por algum tempo. Algumas trilhas que têm várias cachoeiras fazem voltas pra deixar a mais bonita por último.

Estava na UnB pra fazer Pedagogia. Turma de Marina Santana, Natássia Carolina, Jaciara Nascimento, Renata e Raquel, irmãs. Fiz parte do Conexões dos Saberes, do Programa de Educação Tutorial (PET), orientado pelos colegas, por Eliane Cavalleiro, Ana Tereza. Como disse um dia o amigo *Vina* Vinícius: “Tudo é pra aprender.”.

Em ambos os espaços aprendi muito. Devo dizer que Extensão é um negócio que se dá dentro e fora num jogo de ir e vir pelo que me fui refinando tal qual doce de leite no tacho.

Aproximei-me dos espaços da Reforma Agrária no DF e Entorno junto com aquele mesmo Marco Marquim Antônio Barato, Flavio do Carmo e Maurício Bernardes, aqueles Amigos das Veredas. Conheci lá as bandas do Padre Bernardo, pousamos uma noite num certo Pé-de-Cerra, por onde andou também a professora Silvéria e suas parteiras, benzedadeiras, cantadores e cantadoras de rezas.

Pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, edital de 2010 do Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais (POPMPR) reencontrei a pessoa de Carolina Cançado, que fora do Decanato de Extensão quando eu era voluntário no PET, ainda antes de

entrar para a Universidade. A Carol agora Mestra em biologia trabalhava voltada para o público sujeito do referido edital. Esta me apresentou a pessoa de Fabiana Vicentim.

Escrevemos a proposta para o edital com grande apoio de Alessandro do PA Itaúna, Arlete do Vereda I e Rose do Santo Antônio das Brancas. Submetemos. Tanta correria, o projeto foi aprovado, recebi a notícia por telefonema quando estava em Jussara por ocasião da morte de mais um daqueles tios irmãos de minha mãe, deles o Evandro, que perdera sua herança vizinha de marca familiar, justamente para seu salvador Bigode de Aço³.

Dei um grito de alegria, pela notícia da aprovação do projeto. Marcamos de comemorar, eu e as meninas mais os meninos, mas não sucedeu: recebi um e-mail do ministério dizendo uns despautérios, respondi umas coisas... Desde pequeno eu ouvia falar do preto no branco, lá era pra garantir o acontecer das coisas, aqui parece que mais faz é impedir. Tudo bem, o projeto esfriou, mas tinha um mistério escondido.

Foi nesta época que veio meu divórcio, perdi o chão. Vi-me saindo do elemento terra e sendo envolvido pelo elemento fogo. Movimentei-me aéreo pra todos os lados de todas as formas, condensei e desaguei na terra pra rebuscar o meu leito: encontrei o Pronera coordenado pelas Professoras Claudia Dansa e Maria da Conceição. Pois vá assuntando, pelo cumpadi Victor Lino eu conhecera e tornara-me praticante de Vipassana, meditação budista; já não mantinha mais relação com cigarro, álcool ou qualquer substância intoxicante ou alteradora de consciência. Mire e veja, eu comigo e com o que era meu, eu queria saber era de mim, e só de mim, o justo, igual ao jagunço Riobaldo Tatarana, o urutu-branco. Compadre Quelemém quem diz: não aceite nada, não busque nada, renegue. Eu cuidei do jardim, como disse o Victor; a Fabiana veio: Fabi Fabiana Vicentim, uma borboleta de fogo, de todas as cores e amores, regida pelo felino de juba, ascendida por escorpião, ao lado de quem este carneiro coloca cada passo por toda a caminhada até o resto da vida.

Eu vivera o chão, e vivi o fogo, o ar, a água. Passar por estes quatro elementos da natureza foi algo que ocorreu na companhia de pessoas distintamente especiais e tendo como referência alguns pontos destacadamente significativos: O Movimento Vital Expressivo – Sistema *Rio Abierto*, onde vivi uma expressiva compreensão das partes, peças, com que se constroem pontes entre o passado e o presente, entre o consciente e inconsciente. Percebi como se clareiam os caminhos por meio disso; A disciplina de Educação de Jovens e Adultos

³ Este tio se afundado nas propostas do Banco que fazia e acontecia e no fim financiou sua expulsão para a cidade, junto com sua Família, como se a propriedade sobre aquelas terras fosse algo que se comprasse e se vendesse, como se aquelas terras e ele não fossem uma mesma coisa só. Pois bem, com o que restou, vendo seus dois filhos deslocados e fazendo besteira na cidade, foi pôr posse no Mato Grosso, e lá tombou num caso meio escuro.

com a professora Maria Luiza na linda convivência de Alisson, Deise, Maira, Victor e Wesley, aos quais se juntavam em tempo e terreiro de cumpadi e cumadi, Virgílio, Vina, Tamine, Jacó, Marina e outros / as mais.

Toda essa gente compartilhando alguns espaços (Yoga, Movimento, Candomblé, Vipassana, etc.), substâncias (Malacacheta, Ayahuasca, etc.) e dividindo entre si o que viviam em seus espaços particulares no sentido de nossas formações, tudo provocava em mim a sensação de morrer e nascer todo dia. Passei cada vez mais a *aceitar* e cada vez menos a *gostar* ou *não gostar*; um sentimento entendido de *ser* para além da vontade.

Deparei-me com diversos canais fechados dentro de mim, além dos quais: medos/travas/bloqueios. Uma fenda pela qual fui me abrindo, vendo e sentindo. Pelo conhecer e reconhecer, pelo negar e pelo aceitar, senti que eu emergia de dentro de mim. O que percebi foi a eminência de uma consciência capaz de reconhecer-se a si mesma condicionada pelas experiências próprias do tempo-espaço vivido. E isso me fez situar transcendência dentro da imanência e me levou a buscar resposta para uma pergunta que eu fiz assim, muito limpa e abertamente: qual é a minha aqui?

Foram essas as palavras que verbalizei: Qual é a minha aqui?

Amigo, olha que se eu ainda não estava preparado, tive que me aprontar rapidinho. A resposta trovejou e veio como um relâmpago. E esta resposta me tirou todos os medos da vida, e deu coragem pra tudo que eu vivi desde então, e o que tem de reserva deve dar pra tudo que ainda ei de viver.

Esclareceu-se imediatamente um *que-fazer*, os seus vários sentidos, a classe de pessoas com quem. Então eu entendi porque Pedagogia, esta e não outra. E sei que o Pronera significa uma porta de chegar ao destino, A Educação do Campo, que neste momento pretendo fazer mais proximamente do pessoal assentado na região daquele pé de cerra, naqueles assentamentos de Padre Bernardo, Goiás.

Interstício: por um ano banhei-me na luz de vinte crianças por prática do estágio obrigatório a minha formação, na escola classe do Varjão / Brasília – DF. Junto com a Orientadora Claudia, junto com cada criança, foi lá que entendi o que é *custosura*, uma força às vezes ainda reprimida pela pedagogia de quem já não sabe criar.

Do meu avô com sua companheira minha avó ainda se encontram por aqui cinco filhos com os valores seus. Em sua casa grande o filho mais novo com sua companheira, onde criaram os filhos e agora recebem os netos, na mesma grama onde eu descasquei tanto milho, comi tanta pamonha, rolei tanto e peguei tanto micuim. Lugar de se visitar hora que quiser.

As heranças de minha mãe com seus frutos agora estão relocadas no Paraíso do Tocantins, onde há quase três anos tive oportunidade de reafirmar com meu pai o perdão que se dera ainda lá em Jussara, depois de aproximadamente seis anos de estúpido *interrompimento* que veio de minha parte. Tive oportunidade, sobretudo, de readmitir e reviver o amor que existia entre nós, em sua alegre e serena companhia, quando de sua enfermidade que veio nas vésperas do fim desta sua jornada.

Paraíso era onde estava Marta, a mana, já há doze anos, com seu marido e filho. Minha Mãe levou seu marido sempre onde foi até sua morte. Cada um cumpre a sua sorte, ela diz. Ela cumpriu uma sorte que muitos abandonariam e abandonam, sem saber que dela não se escapa, por mais que fuja.

Lá tem árvores ao seu redor por todo lado. Ainda vê longe e profundo, sabe das minhas gripes dois dias antes do primeiro espirro; liga, pergunta, aproveita e aconselha.

Última ocasião aqui; permita: Eu nasci uma vez dela, outra de mim. Escute, não foi fácil pra ela deixar sua terra de Goiás, cada pé de pau, suas vaquinhas que atendiam pelo nome, sua égua que guiava só, só faltava falar, mansa por ela. Veja, parece que ir para longe do cemitério da gente nos aproxima da morte. Mas Ana é forte, perdeu depois da mudança o companheiro, chamava sua nova fazendinha de “esse buraco”, apesar da lindeza de tudo. Um dia estive lá singular, falamos de mim e dela, eu disse que olhasse pela volta, que olhasse por Deus, que ela acreditava. Então Deus justo ia pôr ela *num buraco* depois de uma vida inteira de dedicação e trabalho amoroso pra que os filhos todos estudassem e pra que o marido tivesse como viver e onde morrer? Aquele lugar era uma fortaleza e a força vinha dela, tudo lá. Ela mirou diferente. No dia seguinte deu pra sentir. Pois é, aquele dia ela acordou cedo, eu também acordei, as galinhas, tudo, tudo acordou junto com ela, seu jeito de abrir as janelas foi diferente... Havia uma coisa, sabe uma luz que nunca deixou de brilhar, mas que de repente embaça, engordura? Alguma coisa soprou, e quando essa luz luziu as galinhas que estavam desorientadas voltaram pros seus ninhos, a vaca arisca veio pra porta... Tudo ficou funcionando, a casa ganhou um brilho. No mesmo dia foram dois vizinhos lá fazer negócios, querem comprar vão na Dona Ana; querem Vender, também. Eu estava mais de longe, ficaram observando, não sabiam o que, mas sabiam que tinha “alguma coisa errada”, e isso era sinal de que estava tudo certo.

Eu que quando ia voltava pra Brasília com o coração partido de deixa-la lá, sozinha chorando, voltei abençoado demais. Ela disse: - Tu vai lá terminar o que tem que fazer que eu vou cuidando aqui, daqui a pouco a gente se encontra.

Eu pedi benção.

Ela sempre me abençoou.

Na minha fonte tem um encanto de serpente, um brilho de estrela.

Minha história é nossa.

INTRODUÇÃO

A pretensão deste trabalho é ser compreensível a quem buscar compreendê-lo. Adota a simplicidade por bom senso e a franqueza por imperativo de necessidade.

Vai ser traçado como um caminho de vacas no meio do pasto, em várias direções, com inclinações maiores e menores, com mais ou menos voltas; mas que todo caminho conduza a um poço de clareza de se beber, onde haja *o de saber*, para se refrescar no entendimento das questões importantes. Os caminhos que não conseguirem tal coisa são inúteis e devem ser evitados, como armadilhas do embaraço.

Vamos ao encontro das experiências vividas nos projetos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Distrito Federal e Entorno, por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (RONERA), buscando clareza sobre o vivido e com vistas no porvir.

De frente com a Universidade, INCRA, Movimento Social e Comunidades, dialogando sobre a implementação e execução dos projetos, pergunta-se: o que estes sujeitos, com base em suas experiências vividas, têm a dizer sobre e para o PRONERA? Feita de outra forma: o que a realidade cotidiana tem a dizer sobre e para a política pública? Ou: o que a realidade vivida por coordenadores, bolsistas e asseguradores, educadores e educadoras, educandos e educandas, jovens e adultos do Campo, têm a dizer para o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária?

Seu objetivo geral é revisitar a memória dos projetos e identificar aspectos positivos ou que necessitam de revisão e aprofundamento e apontar direções para futuras propostas.

Mergulharemos no contexto destes ambientes levando conosco algumas questões a fim de suscitar os objetivos específicos que nos levarão a observar e analisar:

- a) Que tipo de importância cada grupo de sujeitos dá aos projetos de que participa;
- b) Como cada grupo de sujeitos vê o programa;
- c) O que cada grupo de sujeitos espera de si, o que esperam um do outro em seu encontro;
- d) Como as estruturas e condições materiais, humanas e financeiras têm sido dispostas na execução da política;
- e) Como tem se dado a gestão do tempo e dos recursos financeiros e como ela interfere no processo pedagógico;

f) Como tem sido feita a formação das educadoras / educadores e em que ela tem contribuído;

g) O que, à lente de nosso referencial teórico, tais coisas dizem acerca dos trabalhos realizados dentro da política pública, por via dos projetos, e em que podem contribuir para repensar sua continuidade.

Almejamos que as partes com seus atores envolvidos, pela relação que mantêm entre si, possam fortalecer a consciência de suas importâncias e responsabilidades nos trabalhos (processos) que realizaram no passado e que continuam a empreender. Neste sentido, nos colocamos, nesta pesquisa, imbuídos de respeito pelo passado dos projetos e das pessoas neles envolvidas. Também atribuídos de compromisso com o presente e futuro da Educação do Campo que se dá pela política do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.

METODOLOGIA

Orientamo-nos por um paradigma metodológico, que reconhece nos sujeitos do contexto pesquisado, capacidade de organização em torno das próprias questões e potencial de compreensão acerca delas para a transformação consciente de suas realidades.

A metodologia adotada significa um paradigma (político e ideológico) à medida que escolhe “junto a quem e com quem intervir” (BOTERF apud: BRANDÃO, 1984, p. 56), ao apresentar-se junto “às categorias sociais mais exploradas e mais proletarizadas” (BOFTER apud: ibidem, 1984, p. 57), aos “polos dominados da sociedade” (GAJARDO apud: idem, 1984, p.44).

Este paradigma metodológico refere-se, ainda, a um conjunto de abordagens metodológicas, aplicadas nas atividades de pesquisa, que convergem em torno da “ação” ou de termos que conotem este sentido: pesquisa-ação, investigação-ação, pesquisa-participante, pesquisa militante etc., cada qual tendo suas próprias nuances, procedimentos, instrumentos... Todavia, Marcela Gajardo vê nesta heterogeneidade uma flexibilidade que se deve às necessidades de cada contexto, e não a uma desorientação quanto aos princípios que as interligam dentro do mesmo paradigma, de transformação, por “estilos alternativos de organização social e desenvolvimento educativo” (GAJARDO, 1982).

Este paradigma, sobretudo em educação e sociologia, tem um sentido político de deslocamento do centro das ações para incluir, socializar e compartilhar o protagonismo na construção do saber, reconhecendo os atores sociais como produtores dele, socializando o potencial que o saber representa. Trata-se de um conjunto de práticas surgidas a partir da década de sessenta, com notória influência dos trabalhos de Paulo Freire, no Brasil, Chile e Peru (GAJARDO, 1982, p. 17)⁴. Interpreta-se que, para além da mera compreensão da realidade, vêm surgindo e sugerindo a transformação como algo que se dá dentro e no tempo de sua realização, e não num depois.

É por este sentido político que esta linha metodológica deverá se inserir neste trabalho e estabelecer afinidade com nosso referencial teórico.

Tais linhas, porém, não possibilitam situarmo-nos dentro de um ou outro marco metodológico específico, situa-nos apenas no paradigma comum a todos eles.

⁴ Em referência a um ensaio de Zeñiga (182) em qual “reivindica a Paulo o título de “criador” de um estilo alternativo de pesquisa e ação educativa”.

Então, assentados neste referido paradigma, desde abril de 2012, vinham-se desenvolvendo um conjunto de ações, em forma de encontros e diálogos, dentro do que configurou-se um quadro-recorte-de-realidade. Tais ações, deram-se no contexto de início do vigente projeto de EJA – “Tecendo a Cidadania no Campo / TeciCampo” – especificamente voltado para alfabetização e escolarização em anos iniciais, compreendido no período de 2012 a 2014, em forma de cooperação entre INCRA – SR 28 e Universidade de Brasília / UnB – Faculdade de Educação / FE.

Surgiram, então, interrogações. A partir delas, decorreram práticas de abordagem e coleta de dados. E posteriormente foi ficando claro *este* presente propósito monográfico.

O Contexto

Quando do início do vigente projeto (2012 – 2014), ocorreram reuniões em diversas comunidades, as quais juntas perfazem o círculo Padre Bernardo, Colinas do Sul, Flores e Formosa, por parte de Goiás, Unai por parte de Minas Gerais, também Planaltina, Brazlândia, São Sebastião e Sobradinho, por parte do Distrito Federal.

Neste momento era apresentada sua proposta: tempo, público atendido, estruturas, os parceiros; eram ouvidas as opiniões sugestivas, as crenças e descrenças, as reivindicações, as vontades e necessidades.

Traçou-se um mapa das rotas, compôs-se uma noção das distâncias médias, um quadro sobre as estruturas nas localidades; desenhou-se um perfil da idade média, sexo, origem, experiência escolar dos educandos e educandas, formal ou informal, bem como das educadoras e educadores.

Deu-se prosseguimento às ações dentro do projeto, na forma do trabalho semanal de reuniões avaliativas, adaptação e reorientação dos rumos, acompanhamento, atenção e assistência às atividades em sala, nos assentamentos onde as aulas já se iniciavam.

As atividades alimentadoras do projeto tiveram início, como os encontros de formação, em novembro / dezembro de seu primeiro ano e fevereiro do segundo. Foi-se originando um banco de dados-registros em fotos e vídeo-gravuras, atas e diários de bordo.

O projeto caminha, o INCRA financia; docentes ligadas a UnB coordenam seu funcionamento, alunos de graduação monitoram; os movimentos sociais acompanham; setores da Universidade e INCRA fazem visitas, avaliam, assinam, liberam, o projeto segue. Educadores e educadoras dão aulas nas comunidades às quais pertencem, jovens e adultos se alfabetizam, vão se escolarizando. Os coordenadores e coordenadoras locais, pelas

comunidades, são os principais pontos de apoio e comunicação entre as partes, juntamente com os monitores, que, em suas visitas, observam, participam, convivem, relatam e vão fazendo chegar as informações para o traçar / retraçar dos percursos e ações.

Então que, agora, dentro e por esta monografia, inicia-se nova sequência de ações buscando os mesmos espaços, os mesmos atores e ainda outros mais antigos, envolvidos para uma análise mais cuidadosa e refinada de conjuntura, a fim de responder a questão colocada que, relembrando, tem o sentido de saber o que esta e as demais experiências têm a dizer sobre e para o Pronera.

O universo amostral

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas coordenadoras do projeto anterior do PRONERA (Terra, Educação e Cidadania) e uma com uma das atuais coordenadoras do projeto Tecicampo, três monitores, uma coordenadora e um coordenador local e duas educadoras, além de seis educandos da região de Padre Bernardo / GO, todos do atual projeto; Foram ainda entrevistadas uma asseguradora do INCRA / SR 28 e uma funcionária responsável pelo PRONERA Nacional.

Também foram utilizados registros de relatos das reuniões realizadas no início do atual projeto e análise de seus documentos e observações de campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

PRIMEIRA PARTE – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

PRONERA: UMA CONQUISTA

O grito

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) nasceu da gravidade em meio à luta pela Reforma Agrária brasileira, em fervilhante mobilização, de âmbito nacional, promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), quando dos Massacres de Corumbiara (Rondônia, 1995) e de Eldorado dos Carajás, no Pará, 1996.

A ocorrência de tais tristes fatos escancarava (porque já era evidente) as fragilidades no campo da reforma agrária e a necessidade urgente de significativas ações voltadas para ele. Então que, da concretude desta realidade, marcados pela dor da violência, os movimentos populares de luta pela terra se levantam e marcham forte, cobrando por justiça na forma de seus direitos básicos, dentre eles Educação.

Forjada em sua luta pela terra, na qual têm plantadas suas raízes e sobre a qual cultiva sua identidade, esta consciência camponesa já desconfia e não aceita qualquer educação nem uma educação qualquer. Logo, já não se tratava mais de “dar qualquer coisa para quem não tinha nada”, para *aqueles lá*. Já não podia continuar sendo assim, porque *aqueles lá* não ficaram *lá* esperando qualquer coisa; em vez disso, vieram *cá* buscar o que entendiam precisar, de acordo com o seu entender de si mesmos (CALDART, 2000).

A consciência de identidade, pela forma de viver, vendo minguado seu espaço, sem o qual nada era possível – senão coisa estranha – tornou-se consciência na forma de sua luta pelo direito de continuar sendo. Assim, de *gente* que eram, tornaram-se sujeitos, nos termos de Freire (1996). Formandas e formandos da sua caminhada, na pedagogia de seu movimento⁵, mulheres e homens encontraram a força consciente que lhes possibilitou lutar

⁵ Em Luziânia (GO), na I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo (julho de 1998) o professor Miguel Arroyo tece uma fala na qual indica como gesto educativo formador o processo diário de relação das pessoas com as coisas próprias de sua dinâmica: o trabalho, a organização do espaço, a divisão de tarefas, etc.

pelas coisas de seus direitos no âmbito de suas identidades de homens e mulheres do campo, com seus filhos do campo, continuadores dos antepassados vividos e enterrados no campo.

No livro desdobrado de sua tese, a pesquisadora militante Roseli Salette Caldart fala de movimento (social) como sujeito pedagógico. Tratando nominalmente do MST, a partir do entendimento de “*pedagogia* como teoria e prática da formação humana”, ela situa que

Deste ponto de vista, olhar para formação dos sem-terra é enxergar o MST também como um *sujeito pedagógico*, ou seja, como uma coletividade em movimento que é educativa, e que atua intencionalmente no processo de formação das pessoas que o constituem (CALDART, 2000, p. 199).

Então, reconhecendo a si como sujeito de direito e força, significando isso a possibilidade de estar diante do outro (Estado), o movimento do campo impôs ao Governo que lhe reconhecesse como forma e não mais como sombra. Por este fenômeno, aqueles e aquelas que compunham este movimento, deixavam de ser “uma espécie de saci”, ao modo de “sei que existem por aí”, como espécies fantasmas ou alegóricas trazidas em anedotas, lorotas e “contos do vigário”, gente invisível de um Brasil sob o comando, mandos e desmandos dos proprietários das grandes parcelas de terra, latifúndio.

No contexto de um Brasil até então entendido como um estado-modelo de capitais urbano-industriais (unidirecionalmente, progresso), essa gente, naquele momento, com seu gesto, engrandecia seu país reintegrando a si próprios como uma linda e imensa parte dele, como se paridos de um Brasil que não reconhecesse parte de si mesmo.

Foi assim que o tombamento daqueles e daquelas em Rondônia e Pará significou o levante da classe de todos os seus iguais para o reavivamento da sua presença ante os olhos da nação e do Governo. Esta foi a forma pela qual *seu* desaparecer físico gerou, em alguma medida, o aparecimento deste Brasil. Fato que se deu movido por um conjunto de forças empreendidas por quem nunca se conformara sob o comando, sobre os mandos e desmandos, assim como não com o ignorar de sua existência nem com o desrespeitar de sua identidade, desrespeito a que se deve a não oferta de tanta coisa na sua língua, no tom e nas cores de sua cultura, a exemplo da Educação.

O eco

Propomos este sentido e espírito de luta para olharmos o fato de o Ministério Extraordinário da Política Fundiária (MEPF) ter encomendado ao Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras (Crub) um estudo censitário da reforma agrária (Schmidt, Marinho e Rosa, 1997), o qual constatou que:

nos projetos de assentamento (PAs) havia uma média de analfabetismo acima da média verificada no campo, e um índice de escolaridade extremamente baixo, ambos decorrentes da ausência do poder público municipal ou estadual na organização das condições que assegurassem educação para esta parcela da população que aos poucos, pela instalação dos PAs, foi se estabelecendo nestes novos territórios⁶ (SANTOS, 2012, p. 630).

Este foi o bucho de coisa que gerou a articulação entre Governo, Universidades e o próprio Movimento, articulação da qual o Pronera veio no sentido de resposta concreta àquelas vozes e corpos presentes, àquelas formas presentes de um Brasil que ganhava força como parte do território nacional fazendo frente àquela outra parte já admitida, eleita e fomentada: a do Brasil de massificação urbana, de expansão urbano-industrial e negação do campo como ambiente familiar.

Alguma *coisa* estava presente e guardada no peito destes que Paulo Freire (2003, p. 14) chama, hora de *esfarrapados do mundo*, hora *condenados da terra*. Qual a força desta coisa? O que exerce sobre o dinamismo da vida social, justamente pelo desequilíbrio que causa em busca de nova ordem? Que tremenda força existe nesta presença, capaz de fazer frente à voracidade da força dominante? Não seria essa capacidade de sopro de sobrevida aquilo que reacende o mundo em seu ardor, do qual renasce? Não estaria no arfar dos peitos, às vezes velhos às vezes infantis, tantas vezes desnutridos, ou sob as frentes queimadas pelo sol, a força que irrompe o porvir, oferecendo o futuro e a esperança?

Por aí a razão dos dedos enrijecidos quando buscam o colo das mãos calejadas onde se deitam em punho fechado. Neste sentido a luta significa vida.

⁶ Texto de Clarisse Aparecida dos Santos, observado em: Dicionário da Educação do Campo, publicado em 2012, pela expressão popular, organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Galdêncio Frigotto.

EQUALIZAÇÃO

Implementação: datas e normas

O Pronera foi criado em 16 de abril de 1998 por portaria do então Ministério Extraordinário da Política Fundiária (MEPF). Em 2001 vinculou-se ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Em 2004 passou a integrar o Plano Plurianual (PPA) do Governo Federal, o que significa ter-se integrado no orçamento da União com previsão de recursos para a execução de suas ações. No ano de 2010 foi admitido como política pública pelo decreto nº 11.947 do então presidente da república, Lula, o que lhe garante continuidade independente da sorte na sucessão democrática entre os governos⁷.

Surgido como política pública conquistada pela luta dos movimentos sociais, coube às instituições regulares de ensino as elaborações e implementações dos projetos, a partir das demandas dos movimentos de luta pela terra, compreendidos também como tal, Sindicatos e Associações.

Desde então, referente à EJA no DF e Entorno, a UnB tem tocado os projetos pela ação de docentes e discentes que expressam, no conjunto de suas elaborações, orientações que exprimem reconhecimento das diferenças, respeito e diálogo, busca de horizontalidades e humanismo nas relações. É importante dizer que o fazem cobradas pela consciência surgida e ainda em amadurecimento dentro do debate de base acerca da educação popular, que não dispensa, mas pensa e atenta sobre seu papel e ação (das universidades).

⁷ Estas informações estão reunidas no já citado Dicionário da Educação do campo, com atualizações até 2012.

SEGUNDA PARTE: TRANSCORRER TEÓRICO ARGUMENTATIVO

SOBRE COMUNIDADE

O filósofo e pedagogo judeu Martin Buber (1878 – 1965), contribui como este transcorrer-teórico-argumentativo balizando nosso olhar pelo entendimento de como uma pessoa Eu se comunica com outra Tu e como a exposição das coisas entre elas as vai tornando sócias, à medida do despertar dos interesses, geração de acordos e ocorrência de trocas (BUBER, 2004).

De acordo com sua compreensão, duas pessoas que se movem com suas questões, ao se encontrarem, dão nascimento a esta sociedade, pela comunicação entre si. Quando as pessoas se põem em diálogo, criando um intercruzamento de suas questões, os acordos entre elas funcionam como as amarras em uma rede, pela qual passam a transcorrer e a cambiar a fim de se complementarem mediante a troca.

À medida que estas pessoas se organizam em torno de suas questões, formam a comunidade, num sentido de acontecimento e mobilidade. Então as questões na dimensão de cada um (individualidade) tornam-se questões coletivas na dimensão de vários⁸, pelo que seu arranjo particular ocorre em mobilização coletiva. Surge um sentido de comunidade que transpõe seu sentido como lugar fixo, como conjunto de casas ligadas por ruas dentro de certa área de terra, bairro ou setor, por exemplo.

Em Buber (1987) a comunidade representa o sentido da vida, “portadora de vínculo” no sentido da ligação de uma pessoa com a outra como a “expressão e o desenvolvimento da vontade original”. Por esta ligação, onde a comunicação é indispensável, dá-se a mobilização e transformação, e, por meio desta, surge a possibilidade de realização, cuja plenitude no plano físico da sociedade pode ser entendida como atendimento satisfatório das necessidades, garantia dos direitos historicamente constituídos e conquistados.

Ao pensar a comunidade com sua dinâmica de diálogo, Buber sugere que ela possa ser o lugar onde realizemos o sentido da divindade dentro da condição humana, experimentada essa realização pela união ao longo do agora através do tempo. Em comunidade a realização

⁸Dizemos *vários* evitando a negligência de dizer *todos*. Ainda que a pessoa esteja no espaço físico da comunidade, não é isso que a torna comunitária, e sim a comunicação das questões em si com as questões dos outros, pelo que ela se junta na teia da sociabilidade. Mais abaixo vamos tratar sobre isso com mais detalhes.

não estaria, portanto, no depois, quando da conquista das coisas que se busca, mas no agora quando unida em busca de tais coisas. É no agora que se experimenta o sentido do reino da vida pela forma comunitária de organização para vivê-la e realizar (se). Alcança-se algo do divino dentro da dimensão humana.

Porém, este comunitário que Buber chama de orgânico, que Célestin Freinet chamaria *senso da vida* (para qual a *comunicação* é o principal meio e a *reunião* a principal base de organização em torno do que se quer ou precisa), ele é apenas mais uma forma possível dentre várias. Coexistem outras formas de organização social, também com seus *sensos*, com seus meios, também com seus mecanismos de funcionamento.

SOBRE ESTADO

A sociedade do Estado Nacional é mais uma das formas possíveis. O autor com o qual estamos trabalhando o apresenta como algo que se sucede à comunidade e que se mantém pela força (1987, p. 48). Sua estrutura de organização e funcionamento é algo instituído na forma mecânica de política, distinta da política comunitária, cujo senso é de natureza comunicativa, com tempo disposto à resposta para a reorganização das coisas.

O Estado é alheio ao nascimento, surgem as coisas por instituição. Daí que seja tratado por instituição-Estado, enquanto a comunidade, por sua vez, mais comumente está vinculada ao termo *organização social*.

O Estado é constituído pelo germe mecânico, que depois se instaura dentro dele como política. Assim ele é instituído e instaurado, e dentro de suas fronteiras estabelecidas ele propõe governar e prover em função de manter a ordem da vida. Ao fazer isso, assume uma responsabilidade que desde o início já não pode ser cumprida por ele, sendo a vida algo do que não se possa fazer um retrato, sair à procura, capturar, estudar, reproduzir, institucionalizar. Sua ordem não compete a qualquer indivíduo ou entidade.

Com relação à vida o Estado será sempre uma promessa. Ele nasce e se mantém como uma entidade-proposta-política. Para além dele a vida acontece, cumprindo-se sempre justa, porque não promete, realiza-se, pelo sim, pelo não, justa consigo.

O Estado se comunica com as outras formas de organização, inevitavelmente – porque o impulso presente em cada elemento da vida é de contato e busca do outro. Ocorre, porém, que neste contato não existe convivência, simplesmente porque o Estado não é vivo nos

termos da vida *comunitária*: é máquina, é frio; seu contato com a comunidade a enfraquece e a vai mortificando, enquanto

suga o sangue de suas veias para governar, exuberante, o corpo exangue, em toda sua abstração e mediatez, como se fosse um ser vivo e não um artefato. Ao tempo que a aldeia e a cidade comunitária se degeneram em membro de um aparato administrativo, a cooperativa em instrumento de um partido econômico, a camaradagem em associação, a união religiosa em paróquia (BUBER, 1987, P. 54).

Inorgânico e mantido pela força que vem do conjunto de suas engrenagens, o Estado. Como tal, tal como máquina vai à frente, sempre em seus propósitos, sem compromisso com o tempo da vida, sem tempo de se organizar por ela. Alheio a sua inteligência organizadora que se faz da “vida” e da “morte”, enrijece-se mais e mais para não se escangalhar. Sem ritmo, ele depende do movimento que as pessoas lhe deem. Se estas recusam, ele morre, porque se nutre delas, que recebem em troca o direito à ordem artificial, lá onde estão definidas suas tarefas e dispostos os manuais do que *agora* é tido por vida.

Em um rumo cego, cego segue sem sensibilidade, ou com a sensibilidade de uma máquina, que não é composta pelos indivíduos que a compõem. Dentro dela os indivíduos são destituídos de sua individualidade e consumidos como força-combustível-humano-operante. “O Estado, por sua própria essência, desconhece qualquer limite que lhe seja imposto, e por isso, somente é impedido de violar outros Estados pelo temor da força destes” (BUBER, 1987, p. 48).

SOBRE DEMOCRACIA

A democracia no Estado pode ter sido, e ainda pode ser, na medida em que se pense nela, uma empreitada de brilhante sentido; porém, este sentido jamais seria ou será alcançado dentro do Estado. Ao sobrepor a organicidade comunitária com sua artificialidade, pretendeu-se capturar dela aquilo que havia de mais belo e valioso para dentro de si. Reconheceu-se a importância de tal coisa e, não se resignando a ela em seu lugar, lançou-se ele a construí-la dentro de si pela sapiência de seus meios, não sendo ela, também, coisa capturável.

Esta coisa ambicionada daria alma ao corpo frio do Estado. Mas, paradoxalmente, lhe era adversa tal, que não podia nascer nem ser possuída dentro dele, à custa de sua morte. Fez

desta coisa, então, o Estado, uma imagem semelhante, que por ordem genético-mecânica suas semelhanças possui. O Estado criara esta segunda democracia porque aquela primeira, do plano do orgânico, além da impossibilidade de ser capturada, tinha também a petulância de não funcionar por ordem de decreto, sendo uma lei natural ligada à liberdade de transformação de todas as coisas, que por este processo se reconstroem livremente. Assim, a coisa dentro do Estado tem seu nome: democracia, mas não lhe corresponde.

Veja, esta coisa que ele criara também funciona. Funciona correspondendo em perfeita coerência e harmonia com a natureza de seu corpo, em sentido e propósitos, onde não reverberar semelhante à coisa viva que lhe inspirara será sua condição para existir dentro do corpo Estado, que por sua vez tem nela um de seus meios de força pelas quais existe.

Este Estado e sua democracia seriam uma demonstração de como o ser humano, cego de saber e cheio de capacidade, pode apartar-se da vida. E então a capacidade humana escravizada pela máquina fará de tudo por sua manutenção, acreditando que fora dela já não possa ser, acreditando que precisa ganhar a vida esquecida de que a vida já se tem, precisando apenas de cuidado; já confunde a vida com a coisa, acreditando que vida é o que *brilhantemente* construiu.

A ignorância que nasce da sapiência do topo de si dirá que fora disso nada mais existe, nenhum diferente digno possível para além de seus meios e modos; e pela justiça calibrada em seu senso de igualdade e justiça disparando suas forças, brutas ou sutis, igualmente brutais, ela fará o trabalho assimila e aniquilador, o combate.

Busque em si e na comunidade as referencias para saber se a democracia criada por Ele tem que ver com o senso organizativo da vida e com a liberdade. O Estado é frio. Caminhando entre todos como se vivo fosse, com sua alma artificial, criada por necessidade e encomendada à sua semelhança, o Estado-qualquer-coisa nunca foi democrático.

O Estado reprimirá a liberdade para manter-se, ele chamará “de ação em nome da igualdade e da justiça” o ajustamento do novo ao velho e de “garantia de participação” a imposição da obrigatoriedade, ele te obrigará a ser como os outros, a se comportar como os demais. Não que seja necessário, mas pela confusão de *suas* necessidades: burocracia.

Este Estado dormente de máquina dentro da qual o humano que governa faz-se escravo do próprio governo que dirige, já não será capaz de sentir seus próprios atropelos.

Ele não é e não porta o sentido da vida, individual ou coletiva. Ele é uma estrutura, uma malha mecânica que se estende gerando a mecanização de quem e do que se constituir alimentando-se da seiva que corre por sua malha estrutural⁹.

SOBRE VIDA

De natureza político-mecânica e puramente imanente o Estado não comporta o transcendente, esta dimensão permanece guardada nas pessoas em vai-e-vem “dentro” dele.

Cada pessoa em si é portadora da comunidade, guardada e latente em cada um / a. Buscando em si, cada pessoa pode encontrar este sentido da vida, que subjaz; então reconhecerá a inter-relação de tudo, a mútua dependência e a interferência, reconhecerá as questões em si e o diálogo e então partirá em busca do outro para se comunicar; verá o caminho e perceberá que o futuro não está acabado. Este é o início da nova comunidade cuja forma ainda será construída, mas em busca da qual a vida já se enche de realização. Quando duas pessoas estiverem dispostas à comunicação com o intuito de organização em nome daquilo que querem, a comunidade rebrotará nestas pessoas onde quer que elas estejam.

Renascida em cada um, cada um se torna seu guardião na capacidade de sua consciência. Poderá se ver que o sentido de tal coisa nunca será perdido, de modo que qualquer possa se destituir de sua responsabilidade para com ela.

O Estado se debaterá sobre nós de todas as formas no exercício de impedir ou se apoderar, a fim de pôr sua marca sobre tais coisas, de sufocar o comunitário na imensidão social, mas com suas armas e garras só alcançará os objetos invólucros em quais a vida se manifestou, tendo ela já ido adiante, porque a comunidade é movimento, transformação, renascimento, novas formas. Esta é a natureza da vida que não pode ser estancada ou impedida, e que estará presente quando uma pessoa em contato consigo encontrar a outra, Eu Tu (BUBER, 2004).

⁹ O sentido desta parte também tem correspondência em Buber (1987), no texto “Educação para a comunidade” proferido em palestra de 1929. Porém sua inteireza de sentido lá, trazida em partes para cá, talvez causasse mais dano que ajuda.

SOBRE SUAS QUESTÕES

Em companhia deste pedagogo judeu (1987) vamos entendendo que: fora do comunitário e dentro do Estado a vida se instrumentalizou e as relações se mecanizaram; os interesses deram lugar às necessidades que posteriormente se confundiram com desejo e o desejo passou a ser fabricado. A comunicação que era pronúncia e resposta reverteu-se em solicitação e atendimento; realizar-se virou abastecer-se; a organização, que tinha pelo trabalho a força de gerar o que era necessário e pretendido, virou luta por aquilo que se consegue a despeito do outro, onde pela concorrência em detrimento da cooperação se consegue o fruto da escassez, devido mesmo a não sociedade dos meios e não compartilhamento dos fins.

Colocaram-se entre nós difíceis e dolorosas questões geradas pelo desalento das necessidades desassistidas.

Estas questões que se colocam são vistas por algumas pessoas como situações problema / desafio: Paulo Freire nos Ciclos de Cultura introduzindo os temas geradores; Renato Hilário Reis pela ação comunitária no Paranoá – Brasília / DF. Pessoas de olhos luz, para as quais tais questões surgem como algo a se conquistar, seu algo de luta. Estas mesmas questões são vistas por outras pessoas, de turvez nos olhos, como obstáculos.

Nosso caminho com Buber sugere que tais questões possam ser entendidas como presentes postos ao longo do caminho, no percurso do qual realizamos o propósito e sentimos a graça de existir. Vir a este mundo é estar nesta estrada, como é consenso no Budismo, das diversas ramificações.

A poesia de profunda inspiração espiritual de Khalil Gibran fala que só o suor na nossa frente é capaz de apagar aquilo que estiver escrito dizendo ser “o nascimento uma provação e a manutenção da carne uma maldição” (1923).

Também diz que

toda a necessidade é cega, exceto quando existe sabedoria. E toda a sabedoria é vã, exceto quando existe trabalho, e todo o trabalho é vazio, exceto se houver amor; E quando trabalhais com amor estais a ligar-vos a vós mesmos, e uns aos outros, e a Deus (GIBRAN 1923, p. 18 – 19).

Daí que melhor assumimos nossa condição na vida participando dela, de seu movimento de refazer e, para não nos apartarmos de seu sentido, fazemos de nosso

movimento um exercício de construção da continuidade; quando fazemos isso, juntos participamos da manutenção da comunidade como forma de organização do existir, sendo comunidade a forma de viver o reino de Deus (BUBER, 1987) onde a terra é o sagrado campo onde na comum união sobre ela vivemos para além da individualidade, (GIBRAN, 1923).

SOBRE AS PRECIOSAS DORES

Mas, se cada pessoa está cheia de suas questões, cansada pelo peso das coisas que enfrenta e dolorida dentro de si, como permitir que “outro” entre neste lugar tão sensível?

Não são as coisas que nos preenchem que nos tornam cansados e doloridos, mas o desrespeito a elas quando as expomos, quando as comunicamos. É a solidão nos processos, pelos quais apresentamos nossas questões, buscando tratá-las; a solidão que nasce quando buscamos o outro e não o encontramos, o outro do qual dependemos, em sentido mais humano e menos burocrático.

O funcionamento operacional, por mais eficiente e despachado que fosse não preencheria o vazio do qual decorre a dor sensível, como “um modo consolador para se sair da impossibilidade de realização na plenitude da vida vivida, criando experiências de comunidade” (BUBER, 1987, p. 85). Seu funcionamento daria conta das coisas e as encaminhariam, mas se em algum lugar do caminho não for encontrada reverberação humana, a caminhada se perde do sentido e vai gerando o vazio, porque os processos objetivos são apenas a composição material do caminho pelo qual realizamos ou não o verdadeiro sentido de comunhão, de grau em grau pelo respeito, pelo compromisso, pelo conhecimento, pelo interesse, pela participação.

Sem isso as coisas precisam ser empurradas no entremeio de nós, se arrastando onde cada pessoa se torna um obstáculo. Cada pessoa uma peça, que funciona ou não em seu lugar, pela qual o processo passa ou não passa, e pronto.

As coisas que funcionam para além do individual se movem, ou em uma teia onde cada pessoa é um ponto que lhe confere força ou em uma estrutura, onde a peça bruta, pelo sim e pelo não, exerce sua função sem participar do sentido do que lhe chega¹⁰.

¹⁰Ainda vale frisar um ponto para que não haja equívoco na compreensão ou uma compreensão incompleta que permita o equívoco. Se a não operacionalidade funcional, por uma lado entrava a caminhada, por outro sua

O porquê e o sentido da nossa abertura

Saímos do conforto individual por necessidades essenciais. Entrar no corpo maior (social) por meio de comunicação dos processos e não obter retorno gera então o mencionado cansaço, com seus subsequentes: a dor e a frustração.

O social é um ambiente como uma casa de vários cômodos conjugados que às vezes se abrem uns aos outros e às vezes não, e outras vezes com parcialidades e grandes reservas. É preciso cuidado, capricho e, sobretudo, honestidade para que cada cômodo se abra, onde, ao se abrirem, são cobrados cuidados ainda maiores.

Cada cômodo deve se abrir de dentro para fora, seduzido pelo interesse que o outro desperte e encorajado pela confiança que este outro inspira. A abertura significa a possibilidade de “entramento” num ambiente de preciosos guardados, onde ficam as questões mais sensíveis e importantes de cada um de nós, nossas questões coloridas das nossas expectativas maiores, nossos sonhos e desejos mais delicados; daí que sejam aquelas que mais dificilmente abrimos aos outros.

É possível que, junto dessas questões, se encontre, também, alguma quantia de nossos anseios, angústias e medos. Às vezes o medo é real, justificado por experiências anteriormente vividas com mau sucesso¹¹. Outras vezes o medo é apenas um receio de expor

funcionalidade “positivo operante”, também não basta. É preciso que haja um elemento, um “quê” de comunhão com o sentido das coisas que surgem em forma de processos; isso só se dá pela consciência que por sua vez só é possível onde haja participação, que por sua vez gera o significativo conhecimento, à maneira de Freire, (1996). Como na estrutura de Estado não possibilita este conhecimento, que outrora decorria da participação nos processos, porque se era parte dele ou no mínimo se convivia no ambiente observável onde ele se desenrolava, então como fazer? O que comumente chamamos de “boa vontade” seria um caminho. Mas seria um caminho gratuito, e não tem valor no sentido da realização. O pior dos caminhos de proceder seria o da “barganha carnica”, transcendente ou imanente, pelo qual se faz algo bem porque este fazer bem acarreta boas coisas, como uma consciência tranquila. A ordem das coisas possui uma inteligência tal que não permite qualquer equivoco de modo a beneficiar ou a prejudicar; esta arte-manha não funciona, não confere, porque está relacionada com “uma conceitualidade ditada pela procura de proveito” (BUBER, 1987, p. 49) que só não é mais desprezível que a procura mesquinha de proveito imediato material. Poderia ser então a volição presente na intencionalidade que confere a participação legítima nas coisas num plano que está para além da objetividade.

¹¹ A isso estão ligadas as frustrações.

à dureza do mundo o que está guardado em lugar tão sensível, ou apenas um cuidado que se tem pelo que é tão íntimo e precioso¹².

Por tudo isso, estar em contato com o outro requer tato, cuidado e carinho. Existe a emergência das coisas no nosso ambiente de vida que “exigem” que abramos nossos casulos e nos exponhamos lançados no mundo, tendo que lidar com nossos medos em tempo real de “fazimento” das coisas. Em alguma medida todos nós o fazemos. Podemos até ficar guardados, mas teremos que o fazer. Viver não é passar o tempo, é tratar das coisas. Podemos crer que haja a força necessária em todos nós. Então mesmo quem ainda se guarda do mundo logo vai descobrir que traz dentro de si força bastante para seu enfrentamento, na medida do indivíduo no encontro com o outro.

Em cada tempo, diferentes pessoas dispõem de mais ou menos força e coragem para isso; outras simplesmente ainda não dispõem delas, não tendo ainda vivido situações em condições para que brotassem. Por isso no ambiente de convívio nem todas as pessoas estão dispostas *aos processos*. Entenda que *ainda* não estão em condições...

Abertas as portas, as possibilidades dependem de diálogo, que em seu sentido mais amplo significa comunicação.

SOBRE A COMUNICAÇÃO

Diálogo

Estar em um mesmo espaço com outras pessoas não significa que se tenha chegado àquilo que é preciso para um trabalho conjunto. Isso também não é garantido pelos nomes dispostos num mesmo plano. Isso “não passa de mera aglomeração, um conjunto de indivíduos” (BUBER, 1987, p. 94).

Não quero falar dos estágios mais elevados onde se conhece não somente a partir de sua própria situação, mas também a partir da situação do outro, e, certamente, não quero referir-me ao mais alto grau onde se conhece a situação comum aos dois a partir da situação do outro. Desejo somente

¹² Põe-se um sentido de que o social não exclui o íntimo. O social que não admite o íntimo do sujeito quer para si apenas a massa sem sujeito. O sujeito que se lança e segue o social sem sua intimidade compõe a parte alienada do social que integra, torna-se um peso para ele, a ser empurrado ou arrastado, é aquele que se entrega como bucha ou esfregão.

expor aqui os pressupostos para toda ação comunitária. Este “voltar-se” recíproco de pessoa a pessoa não é algo que exige esforço ou reflexão; é algo muito mais simples, a saber: o encontro com seu semelhante. Acontece, porém, que isso foi esquecido e desprezado. Não é algo que devemos fazer, conquistar; devemos encontrar, sem cessar, no seio das dificuldades e pesadas condições da vida contemporânea que nos deixa tão poucos momentos e atmosfera, tão pouca oportunidade para meditação, tão poucos instantes para o encontro conosco mesmos e até com o outro (Idem, 1987, p. 94).

Este “com o outro” que se refere ao *com-junto* e significa encontro, diferentemente do “aglomerado” que então é mero ajuntamento, requer que haja comunicação e não pode ocorrer sem que as partes se abram para o interpenetramento que então significa diálogo. É isto que possibilita, por fim, “endereçar o Tu” (BUBER, 1987; 2004).

Sobre a abertura e a não abertura, basta dizer que uma parte nunca terá poder de abrir a outra de fora para dentro, embora possa adentrá-la (jamais, porém, num sentido bonito e respeitoso de abertura). Tudo mais será arrombamento. Permita a ênfase, a abertura se dá de dentro para fora ante o calor do outro – quem ou o quê – que lhe faça contato.

O encontro é aquilo que quando ocorre se sabe, simplesmente, sem palavras.

A abertura que possibilita o encontro tem tudo que ver com o que cada pessoa já traz em si. O que se encontram são seus conteúdos, suas questões. A partir disso se dá o reconhecimento, a identificação e a afinidade, ou o desinteresse. Seja como for, terá ocorrido reconhecimento e identificação e não haverá indiferença. Pelo sim e pelo não, haverá justeza e respeito pelo outro, que em segunda instância é o conjunto de suas coisas e questões que traz em si, seu ser de bagagem, um exercício que Rene Barbier (2007) apresenta como “escuta sensível”, juntando num conceito epistemológico sentidos de antropologia, psicologia e espiritualidade.

Veja que na natureza orgânica, por assim dizer, os elementos correspondentes (complementares) que vibram num e noutro na forma de estímulo e resposta gera o reverberar e, por meio dele, se dá o encontro profundo sobre o qual estamos tentando nos aproximar.

Aquilo que a pessoa traz em si é seu potencial, que, ao despertar então, tende a romper o invólucro dentro do qual nos guardamos, rompendo a casca dura da semente para o novo mundo.

O despertar das coisas: sedução

Mas como se dá esse despertar? Ainda mais quando este *profundo* sugere algo tão íntimo?

Sim, é íntimo, mas não pense que seja isolado, porque intimidade não é isolamento, sendo o isolamento, em vez de intimidade, a morte, que é um jeito temporário de estar, uma parte onde “a vida é tão contínua que nós a dividimos em etapas, e a uma delas chamamos de morte”, (LISPECTOR, 1964).

Os frutinhas do baru, os cocos das palmeiras, todas as sementes, vejam como que, por mais fechadas que sejam, elas brotam de dentro de si. Elas o fazem pela comunicação que lá de dentro fazem com o cá de fora, sendo chamadas pelo calor do sol e da terra, que, por exemplo, anunciam que chegou sua estação propícia. Então a semente se abre para que seu potencial lá de dentro venha fazer parte cá do mundo, no qual pouco a pouco vai adquirindo formas, conteúdos e características correspondentes a esta realidade, para a qual renasce e é recebida.

Tudo que surge o faz profundamente ligado com tudo ao seu redor, perfazendo mandalas que se espalham em círculos cada vez maiores. Tudo que nasce já está enamorado com aquilo que em sussurro penetrou seu sono. Tal coisa causou-lhe excitação até que se abrisse da dormência para o pulsante vibrar da vida.

O namoro

Mas a humanidade que se desenvolveu capaz de compor músicas, arranjar flores e criar lagos, pontes e cidades, ao ganhar tudo isso perdeu a capacidade genuína daquela sedução. Deixamos o seio do ser para existir, do sonho divino dos animais (BUBER, 1987) para assumir como humanos *sapiens* a responsabilidade por nossas ações, cobrados de ética humanas (FREIRE, 1967; 1996), à qual quando e quanto mais distantes “do mundo originário” menos somos capazes de corresponder e praticar, daí que surja tanto desrespeito a nós e a este mundo, onde nos atropelamos e nos (de) batemos tanto.

Cobrados à ética, éticos ou não, embora perdidos da sabedoria das sementes, também não precisamos e não estamos fadados a incorrer sempre nos erros aos quais estamos sujeitos. Exatamente porque esta mesma condição humana possibilita que relembremos os processos vividos abstraindo aprendizados para reelaborar o trajeto (comunitário e humano) que é

composto de tantos projetos. Exatamente porque nos tornamos “capazes de intervir, de escolher e decidir e de romper”, mulheres e homens, seres histórico-sociais, (FREIRE, 2004, p. 33).

Ao fazermos tudo isso, vamos exercitando a compreensão de como as coisas em nós e entre nós se dão; vamo-nos conhecendo.

SOBRE AS PESSOAS QUE SE COMPARTILHAM

O fruto a partir de quem o ingere

Poucas palavras. Depois de cada pessoa com quem se tenha feito cruzamento, estabelecido e vivido relação de relativa profundidade, não se pode mais ser quem se era antes. Depois disso, deixa-se de ser só, porque ganha-se vida um no outro e passa-se a viver neste outro.

Pode ser que não se tenha consciência da parte do outro que fica, ou pode ser que lhe negue. Neste caso, quem o faz instala uma jaula dentro de si: um peso e uma tormenta.

Impedir o outro é impedir a si mesmo, em qualquer sentido. Mas quem ao outro permite caminha sempre livre consigo, e com o outro, que vai por aí, multiplicado e se multiplicando por onde for, acrescentando seus gestos, suas falas.

Porém não nos confundamos. Não se pode ser aos outros, apenas não se pode ser sem eles.

Ilustra-se isso quando alguém algum tempo após a ingestão de uma salada aplica alguma força. Não dá para dizer que a força tenha vindo do mamão ou da banana ou do melão que havia na salada, senão da combinação que tem em si proporções de cada um desses alimentos.

SOBRE UM E OUTRO: O EU-TU E O EU-ISSO

Segundo Buber (2004) o mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele

pode proferir. Para este autor há duas palavras-princípio, sempre compostas por um par de vocábulos: Eu-Isso e Eu-Tu. A primeira diz respeito ao mundo da experiência vivida, seja ela exterior ou interior. Nela o sujeito se vê como observador. Ele não participa do mundo, o mundo se realiza nele, ganha objetividade, categoria, regra. O mundo do Eu-tu é o mundo da relação. Relação que se dá de forma mais profunda com a natureza, com os homens e com o sagrado. *“Relação é reciprocidade, neste mundo da relação o homem penetra. Eu não experiencio o homem a quem digo Tu, eu entro em relação com ele.”* “A relação pode perdurar mesmo quando o homem a quem digo Tu não o percebe em sua experiência, pois o Tu é mais do que aquilo que o Isso possa estar ciente. Aqui não há lugar para fraudes: aqui se encontra o berço da verdadeira vida” (BUBER, 2004).

O Tu é a atividade criadora em que a relação se confunde com a obra de arte. O Tu é ato direto, subjetivo; quando objetivado, formalizado, se torna Isto. Não há Eu sozinho, mas sempre em relação ao Tu ou ao Isso. O Tu é presença em relação a um Isso passado. “Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós. Objeto não é duração, mas estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença” (BUBER, 2004).

Neste sentido, podemos perceber que aquilo que compreendemos como subjetividade / alteridade é algo que se encontra dentro deste espaço-tempo em que o Eu se movimenta de forma alternada entre a relação profunda que vive como um mergulho intuitivo e criador (Eu-Tu) e a relação objetivadora proporcionada pelo olhar mais afastado da experiência, ordenadora e classificadora, que define padrões e produz regras, crenças e instituições.

A ocupação dos espaços que preenchemos

O lugar e os espaços que se ocupa e o que cabe a cada um e uma dentro deles é uma conquista de cada pessoa e pode ser entendido como o resultado de seu passado, como se estivéssemos flertado com a vida e ela assim se desse, correspondendo. Então já nascemos enamorados das coisas de nosso tempo e do nosso “ao de redor”.

Assim, em cada espaço, seja Estado ou Sociedade, as pessoas devem se portar na realização de seu trabalho de forma a se emanciparem como sujeitos e ocupar os espaços que preenchem, sabendo que estar onde se está tem a ver com seu passado e com seu futuro, que isso é obra de vida e que, portanto, há um porque e um para quê de estarem em tais posições que se relaciona intimamente com o Eu Isso e Eu Tu de sua vida. Então que a pessoa poderá

identificar seu Eu com o Isso e se entregar ao “acontecimento natural das coisas” ou posicionar seu Eu diante do Tu pelo que sua atitude e presença passam, humanamente, a se relacionar com a instituição, com seus processos institucionais.

Podemos entender isso, podemos não entender, assim como podemos aceitar ou não aceitar, que as coisas mudem e que nós, assim como elas, mudamos, e que podemos participar das mudanças. Isso depende da consciência de que dispomos.

Consciência

As pessoas que plantam e que lidam com as criações, do quintal ou do pasto, têm um senso de observação do qual surge um tipo de conhecimento inestimável como gerador de consciência¹³.

Fundamenta por diferentes vertentes (da cultura autóctone americana, dos princípios do Yôga e das diferentes disciplinas orientais, da dança, das artes cênicas, de elementos da civilização grega – em seus princípios apolíneos e dionísíacos –, das psicoterapias corporais como a Reichiana e a Bioenergética, e dos estudos da tradição de Gurdjieff) a filosofia de sustentação do Sistema Rio Aberto¹⁴, fala da consciência que surge do conhecimento advindo pelos mais diversos modos: pela execução do gesto, pela observação do próprio comportamos diante das coisas e dos demais, pela percepção das diferentes emoções que surgem em nós (MIRANDA; TELES, 2007).

Angelim e Rodrigues (2009) falam de conhecimento para

para sobreVIVER e TRANScender - sentido fundante da educação - expressando-se e comunicando-se por sons / silêncios do corpo/ voz/ língua falada/ canto / de instrumentos de percussão (primeiro tambor) /sopro/corda/teclado, por luzes/ sombras, por cores, por movimentos de gestos/ dança/ toques físicos sutis/ virtuais, por imagens fixas das pinturas rupestres, da grafia/ escrita pictórica/ ideográfica/ fonética/ alfabética/ códigos/ sinais/ símbolos/ desenhos/ fotos, por números, por imagens em movimento, por "emoticons", por telefonia, radiofonia, televisão e internet, em progressiva convergência digital de intensa interativa multimídia, tecendo uma rede em ambiente virtual (ANGELIM; RODRIGUES, 2009).

¹³ Refiro-me ao modo sertanejo, onde conheci a sabedoria de viver relacionado ao tempo e com os ciclos naturais. Esta sabedoria em outro modo de produção foi substituída por artifícios. Neste caso há predominância de tecnologia para manipulação das condições; no outro há predomínio da sabedoria de viver em respeito às condições.

¹⁴ Foi inspirado na Argentina em 1966 e desenvolvido pela psicóloga Maria Adela Palcos de Plante. Também é referido como Yoga da Sul América. (MIRANDA, TELES, 2007).

O budismo da tradição hinayana (pequeno veículo) fala de três maneiras de se conhecer: ouvindo, lendo e observando a si mesmo.

Todas estas são formas de relacionamento que se dão, em nível pessoal e interpessoal, e assim podemos supor duas formas de consciência, uma exterior outra interior.

Pela vida comum na relação com as coisas que se cultiva ou cria, pela prática da meditação proposta por Buda e pelo que propõe Gurdjieff, observa-se uma lei geral, que é a permanência de todas as coisas.

Porém, o que ocorre *fora* de nós, também ocorre *dentro* de nós, igualmente em todos e todas, como lei geral. Esta lei geral, todavia, se manifesta multiplicada em infinitas variações em cada um e em cada uma, correspondendo e traduzindo aos processos e elementos da vida de cada indivíduo, nas *suas* cores, se expressando na *sua* língua e linguagem: um tipo de conhecimento que não estará ao critério de avaliação ou contestação, porque ele e o sujeito são uma coisa só em todos os sentidos.

Este conhecimento é diferente do conhecimento que venha por meio da leitura e da palestra, pelas quais a pessoa participa e toma conhecimento da consciência do outro e adquire também certa consciência, porém sem a realizar.

Neste sentido, é importante dizer que enquanto se estiver voltado para o conhecimento do outro, não se poderá estar apontado para o futuro, que é renovação, como já dissemos, cada qual com sua consciência única, da forma como único foi e está sendo seu caminho no mundo, sobre o que também se refere Rudolf Stiner no livro “A arte da Educação, volume I”, o qual traz catorze conferências, proferidas em Stuttgart de 21 de agosto a 5 de Setembro de 1919¹⁵.

Então alteridade torna-se uma coisa simples, porque vai deixando de ser objeto de compreensão (teórica) e passa a ser realização (prática). Freire põe isso no plano da ética ante o posicionamento político na construção do saber que se posiciona sem centralizar sua posição e sem absolutizar sua opinião (2006); tange o respeito no sentido da mencionada escuta sensível “do” francês Barbier (2007).

Para Buber (1987) esta relação significa estar num contato íntimo e profundo com o TU das coisas e dos outros, participando, expressando o Eu diante delas. Então quando nos juntamos na direção das coisas, os caminhos comuns não significam uma única consciência – que por efeito significaria a negação de todas as demais – mas sim a junção de várias

¹⁵ Quem quiser e tiver oportunidade, Rudolf Stiner tem trabalhos que ajudam a aprofundar esta questão. Coloca a criação como algo vinculado ao sistema volitivo sanguíneo que impulsiona ao porvir pelo que curiosamente chama de antipatia.

consciências em alguma direção, com algum sentido. Estes caminhos são como leitos de alguma profundidade cujo curso atrai e logo envolve quem esteja ao seu redor ou no alcance atrativo de sua força. Toda água espalhada em uma vereda toma o curso do riacho, inspira Freinet (2004).

SOBRE UMA FORMA DE ESTAR NA COMUNIDADE

Existem diversas maneiras de estar neste processo, de ser parte de uma comunidade. Digamos que a comunidade em seu sentido de espaço seja as dimensões de um rio cuja bacia abrange o último ponto de onde as coisas convergem para o seu curso / leito; a mais distante coisa disposta a seguir seu rumo pertence à comunidade. Relacionado com seu sentido, se ligando às coisas de seu meio, qualquer pessoa ou coisa acompanha esta comunidade em sua evolução e é parte dela, entendendo por evolução este ir sendo de transformação constante, em ritmos diversos que são influenciados por tudo com o que se conecta em conexões *mais ou menos* graves, *mais ou menos* influentes.

Em comunidade existem forças e relações sob as quais estamos e existem forças que cada qual exerce no meio (co-relação de forças). A força que cada qual exerce é de duas naturezas simples: uma tem que ver com a consciência, a outra com o reflexo, ou com o reagir. Sem compará-las, a segunda é a expressão na originalidade condicionada em cada indivíduo; a primeira é a expressão de tudo que se elabora, e que nos faz ser vistos como pessoas, o que nos diferencia de coisas.

Quando a sabedoria popular diz que alguém é bruto que nem mourão de porteira, está a dizer que tal pessoa é só reação. Sendo *só* reação, sem discernimento, tal pessoa devolve sempre na mesma proporção e qualidade que recebe (ou redimensionando de maneira puramente mecânica, como o é a lapada do chumbo extremamente desproporcional ao leve movimento do dedo no gatilho).

Todos nós temos, em alguma medida, a qualidade do mourão de porteira: é a nossa ignorância. A manifestação de algum estado prévio que trazemos, sendo esta coisa já resultado de evoluções anteriores e objeto / matéria / conteúdo de evoluções futuras.

Quando se entra em algum curso com consciência, com ciência, com discernimento, entra-se em estado de evolução como participante das coisas, com as coisas, com as outras

consciências, com o mundo, deixa-se de só estar no mundo, e vai-se estando com ele e todas as suas coisas, cada vez mais, à medida que a consciência evolui (FREIRE, 1996).

Consciência de quê? Inicialmente de que o que existem são processos, que não estamos alheios a eles, que já o estivemos, que outro ainda pode estar e que todos os modos de estar são condições superáveis; sobretudo, que – respeitadas as variações – estamos todos unidos nesta mesma condição. Resumidamente, conscientes do inacabamento, mais uma vez em Freire (1996, p. 23, 50).

Os discernimentos procedem em forma de respeito: ao outro que se vê – pelo gesto de representar e classificar – vivendo situações já não admitidas; ao outro que se vê vivendo situações as quais ainda não se alcança. Passa-se a ter respeito e confraternidade para com os primeiros e inspiração pelos segundos. Faz-se de si e da própria companhia uma oferta de orientação e guia de ajuda aos primeiros apontando para os que estão à frente indicando que estão unidos em caminhada, embora em lugares diferentes do curso dela.

Unidos em caminhada, percebe-se as diferenças de ritmo, postura etc. e percebe-se a si mesmo em tudo isso e tudo isso em si.

Vê-se a própria processualidade se estampando. E vê-se a correlação das coisas, como elas se juntam e se unificam na multiplicidade.

Percebe-se a si com as demais pessoas e coisas transportando a existência. É a vida que se faz através de quem participa dela. Vida em movimento social.

SOBRE EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA

Alteridade, encontro, suas coisas pertinentes. Estado, comunidade, movimento, ambientes possíveis. Educação, algo que permeia tudo isso organicamente de maneira natural e pedagogicamente de maneira humano-cultural.

Sobre educação, neste sentido, tudo que foi dito até aqui, a origem e condições do texto e seu destino, é exemplo dela. A intencionalidade dela é pedagogia política, a forma intencional propositiva de sua realização, isso tem o sentido da pedagogia prática.

A quem as desenvolva ou promova, acolhido e acolhida dentro da realidade em que se insere, por boniteza é exigido / exigida que tenha boniteza: postura, compromisso e, sobretudo, honestidade, “retidão ética” Freire (1996, p. 18); tais coisas devem ser a carruagem que transporta todos os dias ao trabalho quem trabalhe por ela.

A partir daí as “coisas perdidas” ressurgem, com potencialidade e vigor, beleza.

Menos que isso a admissão do pedagogo e da pedagoga é danosa e contra a vida. Exercer o gesto educativo sem que se tenha consciência da grandeza de sua importância, sem que se tenha disposição para sua realização é uma possibilidade aberrante no meio dos fazeres profissionais.

Existem inúmeros trabalhos e tratados que façam menção às mazelas do sistema, etc. não é isso que estamos fazendo aqui. Nem tampouco estamos indagando “de quem seja a responsabilidade que gere a culpa”, estamos mencionando que *o fato* perdurará enquanto estivermos apenas a discutir as culpas e apontar os culpados lá.

Enquanto isso, a falta de sentido nutre a fraqueza no gesto. Quando em sua formação este profissional não se realiza, resta exercer a pedagogia das lástimas, a pedagogia da lástima das condições, materiais e políticas, cuja concretude não lhe será combatida porque lhe parece incombatiável, como um monstro fantasmagórico sem rosto.

Este espírito de impotência permeia o fazer profissional, que então não se realiza: faz-se, com sacrifício e “mal estar”, um mal estar que seria, segundo o que Zaragoza (1999) diz no seu livro “O mal estar docente” *um “desolamento ou incômodo indefinível”, diferente da doença que tem sintomas manifestos e da dor como algo determinado que podemos localizar.* “Quando usamos o termo “mal estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê” (ZARAGOZA, 1999 p. 12).

Quando falamos em realização não pensem em acabamento, mas em um sentimento de plenitude no fazer do inacabado. Isso tem que ver com perguntar “o que eu faço e por quê?” e sorrir intimamente para resposta. Haverá felicidade com as pessoas do arredor e nas – ou apesar das – condições que se põem, e então, já realizado de sentido íntimo, busca-se com toda força e alegria a construção das condições desejadas.

Todas as respostas serão consideráveis, para todas elas o sorriso íntimo indicará, pelo *sim* e pelo *não*; há uma única resposta capaz de corromper o sorriso, que ainda do *sim* merecerá outras atenções: “dinheiro”.

Esta felicidade, quando presente se fizer, não preencherá, mas atravessará as formas vazias.

É preciso admitir as coisas que estão, e saber que e o resultado de nosso trabalho depende delas, sendo condicionado pela maneira de seu funcionamento, e que a felicidade de natureza sutil tão mais fluida não precisa ser atrelada a coisas tão rígidas, como as estruturas, nem também com o que depende delas, que podemos ser felizes apear delas.

UMA FORMA DE VER A EDUCAÇÃO

Este sentido de fluidez, continuidade e processos que significam transformações e permeia a tudo tem um correspondente nesta dimensão da vida. Este correspondente é denominado historicidade, da qual não devemos nos perder.

A historicidade é uma liga que dá *antes* e *depois* aos processos que ocorrem de agora em agora. Sem a historicidade ficamos limitados e condicionados, resumidos do processo ao puro “está sendo” que, visto assim, exime de participação e responsabilidade, enquanto pelo contrário nos remete em responsabilidade ao lugar de onde veio e nos compromete com o lugar ou rumo para onde segue, *surfando* o agora.

A abstração dá visão de ontem, hoje e amanhã, mas a visão não basta. É preciso compreensão disso. A visão é a captação daquilo pelo que se passa, e a compreensão o fruto da elaboração a partir do que se vivencia. A condição no primeiro caso é de quem apenas come o bolo sobre a mesa. No segundo, de quem o amassa, assa e come. Um saberá *do* bolo e outro saberá *o* bolo.

Não se pode perder da vida este maiúsculo sentido de fazendo. Observe que a ridicularização do gerúndio surgiu no contexto das coisas que aparecem sobre a mesa, preparadas e embaladas, prontas para comer. Não do nada, nem por acaso, criminaliza-se o gerúndio, elimina-se o processo, imobilizam-se as pessoas dentro dele.

O fazendo tem o sentido de vida como possibilidades.

As múltiplas possibilidades se tornam referências umas às outras onde cada participante dá e recebe. Recebe e dá, em sua chegada e partida. Este dar e receber significa a solidariedade que é diversa da dependência.

SOBRE OS CONECTORES

O correspondente céu

Criamos ferramentas de penetração a longa distância, abrimos portais de exposição e abrimos esplendidos caminhos de interferência. Como aponta Pierre Lévy (1998) “O atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de

pensamento e de trabalho para as sociedades humanas”. A rede (teia) mundial de computadores projeta no plano material da objetividade algo próximo à comunicação sutil do plano tangente à teia da vida, pela qual as coisas se intercomunicam e se interferenciam.

As consciências individuais e coletivas estão em jogo dinâmico, comunicando o que fazem e assistindo o fazer dos outros. Existe a possibilidade de vermos no oco do mundo o mosaico de possibilidades da existência, realizadas em formas diversas nos vários lugares em tempo real.

Alguém está a fazer alguma coisa e toma “sabimento” de coisas-outras feitas por outros que, da mesma forma e pelos mesmos canais, podem saber o que este mesmo alguém acaba de fazer. É uma tremenda abertura do mundo.

Neste momento há uma reunião em rede de relatos simultâneos.

Mas isso também não significa que estejamos juntos, nem ligados, nem conectados, nem nos comunicando, embora possamos estar nos interpenetrando mutuamente.

Estamos sujeitos às mesmas anteriores condições, porém numa escala muito maior de uma casa com muito mais cômodos, passíveis das mesmas angústias e medos, da mesma solidão; com a possibilidade das mesmas quantias exemplares de guardados na escala individual que agora se *confunde* e/ou se encontra na “exposição geral”.

As mesmas necessidades de se abrir, a mesma necessidade do outro, a mesma oportunidade de comunicação, pelo respeito ou pelo desrespeito.

Da mesma maneira sujeitos à satisfação que se realiza pelo preenchimento que o outro significa quando conjuga ou frustração pelo esvaziamento que o outro provoca quando invade.

Seja como for, em qual tempo e velocidade se der, em dimensão pessoal ou coletiva, a presença do outro é uma inquestionável. Por este raciocínio que vimos compondo, imprescindível. O Estado é o outro da sociedade e a sociedade o outro do Estado. Tomemos ambas as coisas como *ambientes*.

Em Marx o Estado é composto de estrutura e superestrutura (MARX apud, CLARICE, 2012 p. 1 - 2). A força que o governa tende a tornar-se hegemônica, vale-se de seu alcance para apregoar, fortalecer e vivificar seus ideais, seus valores, manter o que está pela forma que é, projetando sobre todos a crença de que aquilo que “é” seja *tudo e assim mesmo*, a única possibilidade de Deus. Isso tem recebido o nome de *fatalismo*, FREIRE (19887, 9977, 98787), a exemplo de tantos progressistas.

A sociedade seria o ambiente translúcido dentro do qual a estrutura opera. Sem governo diretivo central, nela surgem movimentos em diversas direções. Estes movimentos com e como resposta à situação concreta de existência (CLARICE, 2012) borbulham num fervilhar que provoca mudanças no funcionamento da estrutura, buscando sua mudança de estado. O Estado se transmuta na medida da pressão exercida, como ocorre aos elementos do mundo físico expostos ao calor.

Tais movimentos giram em torno de causas que agregam dentro de si diversos sujeitos identificados com seu núcleo de causa. No universo as partes que o constituem estão em fina sintonia onde o caos é parte da ordem. O sol é composto por aproximadamente novecentos e noventa e nove milésimos da massa do seu sistema, mesmo assim não existe um único espaço vazio ao seu redor, embora não possamos comumente ver do que se preenche (BAUDART, 1996). Poderíamos pensar sobre o que ocorreria se as várias causas se unissem.

O olhar se expande, a consciência se abre e agiganta-se.

O correspondente terra

Podemos buscar uma situação de firmeza em terra estabelecendo uma relação com a entidade autoral Paulo Freire. O conjunto de suas ideias figura uma árvore de se alimentar que de longe desponta, como se acenasse, para nos orientar quanto ao sentido do que é estar enraizado na terra buscando ascender. Torna-se uma sublime referência de que a superação das condições rasteiras não significa a superação da condição de si mesmo, mas uma evolução pela qual se vai à diante, transformando a própria condição.

Dele, os seguintes aprendizados possíveis, sementeiras ilustradas, pelo que fazemos da palavra forma e de Paulo Freire um Pé de Laranjeiras, assim como bem poderia ser de tantos pés-de-pau. Mas fazemos referência à laranjeira pela tendência de crescendo abrir os galhos sem sufocar quem ainda estiver embaixo. Pela nobreza de proteger com sombra sem impedir que os raios desçam. Pela gentileza do fruto que verte carregando dentro de si as sementes, sendo as sementes o núcleo de sabedoria do mundo, o ensinamento *mor* de que o imenso poder em forma de esplendor reside guardado dentro da maior fragilidade.

Esta Laranjeira põe dentro de seu fruto as sugestões de que a própria laranjeira que aqui está logo não estará mais. Por isso tem no gesto de oferenda uma possibilidade para que

aqueles que, ao se nutrirem agora do que é dádiva, possam semear criando as condições do futuro¹⁶.

Dela, também, o gosto do ensinamento estranho de que não é o fruto que se dá, mas a semente que se oferece o que gera a consciência com a qual se fecunda o futuro, tendo o fruto uma relação com o agora e a semente com o depois. Onde o saber é uma condição para o avanço e não para a manutenção. E a semente é a possibilidade do compromisso.

Os movimentos de pessoas em sociedade, reunidas em torno dos seus núcleos de interesse, chamadas pelas condições dentro das quais despertam, são pura semente que se abrem para o futuro e alimentam o agora, trazendo dentro de si a semente da esperança, a vida permanente de uma possibilidade colossal!

A marcha de todos os movimentos indica que o conforto da cama não é seguro se o lençol que há sobre ela não protege, mas apenas esconde as serpentes que nos vêm matando um a um lentamente, sugados a cada dia, exauridos de vigor pela intorpecência que uma condição de falso conforto provoca. Já ouvistes falar das cobras caninanas e jibóias dentro de casa, imbuídas em cabaça, mamando nas tetas de leite dando o rabo em lugar de chupeta às crianças? Arrenego! Vamos à luta, chutar a cabaça!

¹⁶ Pedagogia da autonomia, 1996.

RESULTADOS

O PERFIL DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS

Embrenhamo-nos por quatro espaços (Movimento Social, Comunidade, Instituição de Ensino (UnB) e Órgão Financiador (INCRA)) cujos perfis percebemos da seguinte maneira:

Demonstrou-se que o **Movimento Social** é representado nos projetos por heterogêneos atores/atrizes de diferentes faixas etárias, de ambos os sexos vinculados / as a associações, sindicatos e coordenações internas dos movimentos sociais.

Suas histórias vinculam-se à luta pela terra – a propósito de reforma agrária – e evidenciam perfis de militância e liderança no sentido de organização social, mobilidade, articulação e luta no âmbito de suas pautas.

Sua participação pode ser local, no que tange à associação dos assentamentos aos quais pertencem, regional, por exemplo, pela participação na execução dos projetos abrangidos pela SR 28 e nacional, como nas próprias mobilizações que deram origem ao PRONERA.

Esta voz chega ao projeto principalmente por aqueles que fazem o papel de Coordenadores / as locais. Sem exceção, estes sujeitos se apresentaram como assentados e assentadas da reforma agrária, e apontaram o Movimento Social como espaço principal de sua formação.

“Eu sou coordenador pelo movimento social FETADFE. Eu participei num curto período fazendo alguns cursos pelo MST, quando militava lá. Depois, quando eu fui para o movimento sindical, eu participei de alguns cursos com ênfase em educação do campo”.

No espaço da **Comunidade** as **educadoras (res)**, Verificou-se uma grande maioria de mulheres educadoras, numa faixa etária acima de 20 anos, ante um baixo número de homens neste papel.

No sentido docente, apresentam experiência em: a) escola dominical, com adultos; b) alfabetização e letramento no âmbito de projetos anteriores, pelo Pronera e também fora dele; c) curso técnico agropecuário; d) experiência pontual em escolas formais de ensino

fundamental de primeiro segmento; e) experiência de ter alfabetizado em família e, ainda; f) sem experiência docente anterior.

Verificou-se, ainda, que acreditam em suas ações com significado transformador na vida dos sujeitos.

No grupo de educadoras (res) podemos identificar uma parcela significativa que dispõe de especial persistência e perseverança – sobretudo quando das dificuldades – destacando suas capacidades de atribuir ao trabalho que exercem importâncias concretas e simbólicas vinculadas a aspectos da vida, em sentido pessoal e coletivo:

“Com amor e perseverança tudo vai pra frente, se tiver as pessoas querendo ver o bem da comunidade, que é a maioria do caso que está aqui...”.

“Ajudando eles nós estamos ajudando a nós mesmos”;

“Tem que pensar no bem do outro, não vai dar certo pensar só no seu bem”;

“A gente fica com a maior dó das pessoas que não sabem... E nós ficamos comovidos só pelo amor de ensinar”.

Ainda na comunidade, por parte **dos educandos**, verificamos grandes intervalos entre a última considerada experiência escolar e a atual oportunidade, período durante o qual *tantos / as* partiram de suas origens, sobretudo nordestina, passando por várias cidades, locais e tipos de trabalho (incluindo Brasília) até chegarem / retornarem ao campo.

Pudemos constatar que a maioria dos educandos encontra-se numa faixa entre 18 e 70 anos, havendo um grande número acima de 40 anos de idade. Muitos sofrem com problemas variados como os de visão, agravados pela falta de óculos.

De suas falas destacamos alguns aspectos importantes que compõe a sua trajetória educativa: aspectos de memórias relacionadas ao processo escolar na infância, e deste período saudades, pesares e mágoas; b) consciência de suas dificuldades pessoais e sociais relacionadas à falta da educação; c) desejo de retorno à educação vinculado à vontade de, sobretudo, assinar o nome, para “parar de ter que pôr o dedo”; d) sonho de retirar novo documento de identidade.

São questões que exemplarmente se mostram nesta sistematização advinda de um encontro realizado em maio de 2012 no PA Palmares (MATR) – Planaltina / DF:

Maria de Souza - enfatiza a importância da educação. Carência grande de escolarização. Fez até a sétima série. Não tem como provar a escolaridade. Sentiu-se deslocada do grupo.

Raimundo Pereira – veio do Ceará há pouco tempo, querendo melhorar de vida. Tem fé. Nunca estudou. Trabalha desde cedo. Teve oportunidade de estudar, mas brincava na escola. Dá as boas vindas a nossa presença.

Antônia de Maria - Fez até a segunda série. É esposa do Raimundo.

Raimundo diz que precisa de óculos para perto.

Antônia também.

Ônias está em Brasília desde 1959, vem do Piauí. Não sabe ler. Trabalhou no Bandeirante. Começou a estudar no projeto (quando funcionava na BR-020), mas o projeto acabou. Todos em casa sabem ler. Quer escrever uma carta. Pôs expectativas em nós (no projeto). Estudou ABC e a cartilha.

Ônias não gosta de matemática. Quer ler.

Severino é de Pernambuco. Está na luta. Crê na melhoria pelo estudo. Quando pequeno não podia estudar, pois tinha que trabalhar – irmão mais velho. Com 20 anos fez Mobral. Entrou pra Igreja e aprendeu a ler um pouco. Disse que o acampamento precisa de ajuda. Afirma que educação está acima de tudo.

Helena Moreira veio do Pará. Mora em Brasília há 43 anos. Coursou a 3ª série (fundamental). Sabe escrever, mas tem dificuldade com a matemática. Mãezona de todos. Militante. Tem 70 anos.

Maria Elizabete veio de Alagoas, foi pra Bahia, Cristópolis, até chegar a Brasília. Estudou até 4ª série. Não sabe matemática. Sabe ler um pouco. Tem muita vontade de ler e escrever.

Eva veio do Piauí. Tem interesse grande nessa escola. Acha bom aprender a ler e a escrever, como uma necessidade. Sabe ler e escrever. Estudou há 40 anos.

Severino contou a história da dificuldade de pegar ônibus, e a vergonha que sentiu em perguntar, por não saber ler.

Rosilene é de Teresina, Piauí. Está em Brasília há 30 anos. Veio pequena. Brincava e namorava na escola. Também apanhava na escola e ficava com medo, perdia material. A filha mais velha está com 25 anos e já terminou os estudos. Tem 5 filhos. É viúva. Acha que não consegue estudar mais, mas vai tentar.

Por parte **da Instituição de Ensino (UnB)**, as **coordenadoras**, predominantemente mulheres, na faixa acima dos 30 anos, apresentaram trajetórias de estudo, trabalho e luta junto

à categoria popular de classes. Estas suas ações denotaram propósitos de superação da exclusão social, econômica e cultural, relacionando educação e trabalho, substancialmente no universo adulto.

“Eu tinha já uma inclinação pra trabalhar com associações, pra gerar renda trabalho e cidadania”.

“Desde minha formação em graduação eu venho trabalhando a questão de educação de jovens e adultos. Eu fiz meu mestrado nessa área. Não com educação do campo, mas eu vejo muita semelhança”.

As monitorias, por sua vez, têm sido assumidas por estudantes de graduação, de ambos os sexos, na faixa entre 18 e 35 anos, que, de maneira comum, chegam ao PRONERA EJA trazendo consigo os princípios da educação popular, geralmente vividos junto a comunidades de base do DF e Entorno, por via da extensão universitária, dentro ou não de outros programas, a exemplo do PET¹⁷. Outra vertente importante é a influencia que sofrem das vivências em disciplinas relacionadas à educação do campo e educação de jovens e adultos, no sentido prático-teórico-filosófico-metodológico. Declaram interesse e respeito pelos Movimentos Sociais e dão elevado valor à formação acadêmica para suas vidas, profissionais e pessoais, ao que representa “viver a Universidade”.

Monitoria esmeralda: *“Na minha formação participei de outros dois espaços: ‘Grupo de estudos e pesquisa sobre a formação e atuação do pedagogo e professores’ e do PET. Meu enfoque de pesquisa (monográfica) foi entender o professor militante através da educação relacionada aos movimentos sociais. A própria militância que me atrai muito”.*

Monitoria arco-íris: *“Eu comecei pela educação ambiental e com o passar do tempo eu fui parar numa comunidade remanescente quilombola, que é numa zona rural. Meu projeto quatro (4)¹⁸ foi em educação do campo...”*

Deparamo-nos ainda com o caso de um aluno recém-ingresso na Universidade, de quem se obteve esta jovial e notória identificação com o propósito da ação:

Monitoria éter *“Eu estou aqui porque eu fui convidado. Porque eu gosto. Porque eu vejo que tem importância pra mim e pras outras pessoas, que estão se alfabetizando, pras professoras, pra os coordenadores locais. Porque eu acredito que seja um projeto que faça bem à humanidade como um todo, eu acredito”.*

¹⁷ Programa de Educação Tutorial (MEC / Sesu).

¹⁸ Corresponde ao componente curricular “estágio obrigatório” dentro do currículo da Faculdade de Educação – UnB.

No Órgão Financiador (**INCRA**), que se divide em Incra Sede (Nacional) e Superintendência Regional (SR 28), as pessoas vinculadas diretamente ao PRONERA também são predominantemente mulheres acima dos 30 anos que mantêm-se por períodos relativamente duradouros, nestes cargos, a exemplo desta que diz, pelo Incra Nacional:

“Em 2003 que eu vim para cá”;

E desta na SR 28:

“Já tem 12 anos que eu trabalho no PRONERA”.

O INCRA Nacional vê seu papel na relação *educação e reforma agrária* de maneira político-administrativa e, embora reconheça seu papel político, lida de maneira imparcial, primando por um posicionamento de cumprir e fazer cumprir as tramitações legais, assumindo, também, um papel nem sempre fácil, de mediação, entre as exigências burocráticas do Estado e as demandas sociais dos projetos.

Esta instituição apoia-se sobre os documentos elaborados, a exemplo do Manual de Operações do PRONERA, indicado como parâmetro para as elaborações de relatórios dentro dos projetos. Demonstrou ter bom diálogo com a Universidade, sob a influência e / ou com a ajuda da qual elabora os conceitos e a redação de seus documentos normativos.

Por parte da Regional, revelou-se uma relação afetiva com o programa, no sentido de proximidade e contato com os sujeitos beneficiários, o que se dá via acompanhamento dos projetos; notou-se reconhecimento de que *“A contribuição que o PRONERA tem dado é muito importante na transformação dessa turma, desse povo”*, numa atribuição de muito valor a ele.

VISÃO SOBRE O PRONERA

No âmbito da **Instituição de Ensino (UnB)**, pelas falas de coordenação e monitoria, o PRONERA é percebido como política pública surgida da pressão dos Movimentos Sociais em articulação com a universidade, *“pelo diálogo com um grupo de educadores angustiados”*. Ele teria *“surgido para promover uma educação diferenciada pra um grupo diferenciado”*, *“na perspectiva da reforma agrária”* *“ligado ao movimento social, o qual dá às pessoas outra perspectiva de vida, de trabalho, de mundo. O PRONERA é uma oportunidade de participar de um mundo de forma letrada”*.

No entendimento do **Movimento Social**, pela fala dos **coordenadores locais** o PRONERA “*surge pela necessidade das pessoas*” e como “*um resultado das reivindicações dos Movimentos Sociais de se ter educação do campo e não no campo, como tinha antigamente, pra dar oportunidade pras pessoas que não tiveram*”.

Não participavam, ainda, porém, desta consciência, os educandos e educandas de uma das salas, aos quais, quando perguntados se sabiam da origem do PRONERA, responderam:

Não.

Não.

Não.

Não.

Não.

Não.

Por parte do **INCRA**, tanto nacional quanto regional, demonstrou-se tratar o Programa como algo instalado e a se pôr em funcionamento. A importância e o sentido do movimento que lhe deu origem ficam apagados a despeito de um forte sentido de *agora* que se dá a ele, colocando-o em um tipo de presente apartado do tempo, da história.

Quando perguntado sobre “qual que é a origem do PRONERA? Quando que ele nasce?”, respondeu-se que “*primeiro os movimentos, as associações, os próprios moradores verificam a demanda do curso que eles querem dentro do assentamento deles. Depois eles encaminham essa demanda pra uma instituição com a qual já tenham um envolvimento...*” Então percebemos que se confunde o Programa surgido na história com os projetos momentâneos de cada instante.

Também foram apontados avanços no sentido de que “*no começo foi difícil, foi complicado. Até pra gente fazer nossos acompanhamentos aqui era difícil, porque a maioria dos superintendentes não dava credibilidade*”. Indicam que no momento “*O pessoal já tem reconhecimento do PRONERA, da importância do PRONERA nos assentamentos para os assentados*”.

Apontou-se o PA Colônia I no município de Padre Bernardo – GO como exemplo, pelo qual o referido sentido de importância traduziu-se como “*transformações muito grandes nas pessoas, e nos assentamentos também*”. Onde se vê “*hoje a transformação que eles*

fizeram naquele assentamento deles. E vem fazendo”, observando que eles “não fizeram curso do EJA, eles fizeram o curso técnico”.

Verificou-se ainda o reconhecimento de *“alunos que começaram do EJA e hoje estão fazendo pós-graduação, [a] exemplo de uma aluna que hoje está trabalhando dentro do PRONERA Nacional, na sede do Incra”,* a qual tem histórico de militância pelo Movimento Social.

AS ESTRUTURAS BÁSICAS DO PRONERA EJA

Notou-se que o PRONERA EJA é posto em prática na forma de projetos, os quais se instalam como teia apoiados sobre quatro bases fundamentais: Incra, Instituição de Ensino, Movimento Social, Comunidade.

Percebeu-se que estes quatro espaços são interdependentes para o desenvolvimento dos projetos. Sendo assim, aquilo que acontece ou deixa de acontecer em um deles tende a repercutir nos demais. Viu-se que tal coisa afeta de maneira a facilitar ou dificultar a ordem dos processos, seu desenrolar.

Um bom exemplo disso é o caso do repasse da verba, no qual, para a liberação de cada parcela, se precisa *“cumprir com o cronograma de desembolso, [que] tem fases que precisam ser passadas: relatórios, tanto da instituição que está executando a parte pedagógica quanto do INCRA”.*

Neste caso, *“tem que ter um rebatimento sobre o que os dois relatórios estiverem apresentando: se houver incompatibilidade, isso tem que ser resolvido”.*

Resolver tais questões tem demorado *“de três a quatro meses, quanto está tudo ok.”.*

Os setores jurídicos e contábeis, sobretudo do INCRA, foram indicados como aqueles onde os processos por mais tempo demoram, onde *“todo mundo precisa dar seus pareceres”.*

Por que processos que estão “ok” estariam demorando nestes setores *três a quatro meses?*

Todavia, verificou-se que, neste momento do transcorrer dos projetos, sempre tem havido questionamentos, e que, entre questionamentos e respostas, tem se levado em torno de oito meses,” *até que o técnico dê pela continuidade da parceria.”*

A partir disso e da seriedade desta questão, pela repercussão negativa que tem dentro dos projetos, quais perguntas mais devem ser feitas em busca de entendimento e resolução em torno do fato?

Colocado que existem *“muitas situações de incompatibilidade até de entendimento e de posicionamento das partes...”* sinaliza-se que há uma necessidade de todas as partes envolvidas conversarem entre si, a fim de se minimizar ou superar o isolamento entre elas, uma vez que o ritmo das ações oriundas deste processo incide tão gravemente sobre as demais.

O RECURSO FINANCEIRO

O recurso financeiro foi indicado nesta pesquisa como oxigênio da política nos termos de que *“Educação sem recurso é balela”*, que *“pra fazer educação, precisa de dinheiro”*.

Porém, *“em todos os PRONERA (s) até agora houve atraso no repasse do dinheiro”*. Houve ocasiões em que *“entre uma fase e outra, a gente ficava dois anos sem receber”*. Indicou-se que tais ocorrências *“prejudicaram muito, pedagogicamente”*, sendo tais paradas *“por muito mais tempo do que era previsto, dentro dos planos que eram contínuos e normalmente executados em cursos de dois anos”*.

Este fato foi percebido como *“cultura que vem se institucionalizando com o processo de repasse e de funcionamento do Programa”*. Sua (re) ocorrência, porém, tem gerado contratempos pedagógicos como quando se *“tenta estabelecer uma relação de confiança, de parceria, com essas educadoras e com os movimentos e tudo mais”*.

O atraso no repasse da verba tem gerado *naturalmente* atrasos nos pró-labores que as educadoras (res) e demais membros do projeto recebem. Também uma espécie de prejuízo quanto à valorização e reconhecimento do trabalho que dedicam, eles e elas *“que começaram em agosto do ano passado (2012), boa parte, e ficaram até outubro [do mesmo ano] sem receber; depois receberam até fevereiro de 2013 e agora estão sem receber até outubro outra vez (2013)... Não que isso não comprometa suas vidas pessoais – porque se for buscar a vida pessoal de cada uma – pra essas educadoras, essa renda não seria parte de sua renda familiar?”*.

Partes do mesmo projeto, algo semelhante ocorre com os *“monitores, que começaram em abril sem receber nada até outubro de 2012, e continuaram trabalhando, pensando,*

discutindo, tentando fomentar as salas de aula que estavam em início... Depois ficaram de fevereiro de 2013 até agora, outubro de 2013, sem receber, e continuaram trabalhando, acompanharam o processo”.

Há ocorrências de que salas foram fechadas nestes períodos por falta mesmo de condições logísticas decorrentes do atraso no recurso.

Tem sido maioria, ainda assim, quem por compromisso, mesmo com dificuldades, não evade do processo, qualificando-o apesar dos prejuízos, como no caso abaixo relatado:

“Teve uma experiência de um assentamento longe onde um camponês, que não ia ser educador, tendo sido sugerido antes três pessoas... No quarto ele aceitou. E ele fez a sala de aula, ele levou cartazes, fez isso, conseguia cartazes, deixava tudo pregado. O grupo desse assentamento logo se juntou pra fazer banco, gaveta... E esse processo foi até o último momento. E ele nunca parou independente de estar recebendo bolsa, porque ele dizia que sua motivação era ver as pessoas, que quando elas começaram a se engajar e a acreditar, o engajamento político delas era melhor. Eu lembro da fala dele mostrando a diferença que ele percebia do próprio grupo do assentamento. E aí por isso ele estava fazendo. O dia que o dinheiro chegasse chegou. O que era pra gente levar pro próprio INCRA, pra própria política”.

Por parte de uma educadora foi lembrado que *“é com o dinheiro que temos os encontros, que os materiais didáticos são feitos”*. *“Então sem isso não caminha”*. Esta mesma, falando em caminhar, sensibilizou para a falta e importância que o recurso tem *“até mesmo pra sua visita (de monitoria). Você viu, eles falaram que estavam com saudade. Porque eles acham que sua visita é especial e realmente é especial, é o Mateus. Não é que eles acham. É porque é importante, eles sabem que tem alguém que pensa, que lembra, que vem visitá-los. Eles vão saber que eles não estão abandonados. Então se não tiver dinheiro não tem como você vir”* e todas essas coisas serem movidas.

Estas questões, entre o que o Incra assume como *“prazo legal de execução [e] prazo da execução pedagógica, [que] em tese é pra serem os mesmos”*, mas que acabam se distanciando muito, geram impactos para além da órbita administrativa e implicam que para garantia a continuidade dos processos, para que não se percam, as pessoas tenham que dispor de seus próprios recursos.

Configura-se, então, uma situação em que as trabalhadoras (res) têm que, de certa forma, *“antecipar”* ou *“emprestar dinheiro ao Governo”* para que o trabalho seja feito, dinheiro que, em certos casos, embora sem correção, é reavido e em outros não.

O movimento social apontou que “*a responsabilidade do Governo [que chama de cabeça] é investir o dinheiro e [se] sensibilizar mais pela necessidade de se fazer educação do campo, melhor e com poder de fogo para podermos ver nossos trabalhadores certificados e podendo se orgulhar, sabendo ler e escrever*”.

De alguma forma, os sujeitos e espaços que dispõem de seus recursos e de seus tempos dentro deste processo devem se perguntar, com base na realidade diária, sua e dos demais, que tipo de política está sendo o PRONERA?

MODOS DE SER

Identificou-se que entre o que seja Instituição e Sujeito existem diferenças substanciais. São diferenças quanto a suas naturezas, em termos de composição e funcionamento / comportamento.

Notou-se que os espaços públicos institucionais trilham por vias marcadas, a cada instante e passo, pelos *sinais da legalidade* burocrática: protocolos, normas, leis etc. “*Tudo isso são procedimentos que precisam ser adotados pra você caminhar na execução da proposta*”.

Assim, a instituição objetiva-se. Vira uma realidade posta a ser compreendida e executada / operada... Nestes termos, ela comportaria dentro de si o humano, mas não a humanidade.

Foi neste sentido que os sujeitos vinculados ao Incra foram percebidos vivendo “*uma espécie de angústia*” entre **o pode e o não pode** ante a percepção que têm do **é preciso e pra já**.

Estes têm questionamentos técnicos quanto ao programa, mas se sentem sem **autorização** para transformar o processo do ponto de vista político-estrutural, uma vez que as regras já estão dadas pelo sistema jurídico-administrativo geral do Estado.

É neste sentido que, quando reconhecem que a execução dos projetos **ainda** acontece de maneira alheia às condições e realidade dos espaços ao quais se destina, “*principalmente por parte do setor jurídico, que precisaria conhecer a realidade do nosso povo pra ver como estão fazendo os questionamentos deles – Porque nós estamos na área rural, não na área urbana*”, também colocam que “*São pessoas que estão fazendo o seu trabalho. E eles têm a*

norma, têm a lei a cumprir”, num reconhecimento também da força que a mencionada ordem do Estado exerce sobre si.

Digamos então, que por parte deste sujeito, nestas condições, haja muito mais uma *postura* que um *posicionamento*, no sentido de que o trabalho que exerce como cumpridor das atribuições dadas pelo seu posto é muito maior que as ações que empreende para transformar o sentido deste trabalho ao qual se dá. Compreendendo isso, em posicionamento, por meio de seu trabalho, sem negar a instituição, o sujeito exerce ação e força sobre a estrutura, deferente de quando, em postura, a estrutura construída exerça sua força sobre ele.

Percebe-se que a instituição é uma estrutura constante e organizada, que pela manutenção de si opera sempre. Ela é um enorme corpo engrenado seguindo seu rumo. A força que esta instituição exerce sobre os processos faz com que a ação do sujeito seja pequena e lenta dentro dela, tendo que passar pelas diversas instâncias para produzir alterações, que talvez só venham a ter reflexo em projetos futuros. Sua força faz-se ainda maior se há ausência de relação Buberiana entre os sujeitos. Esta força se manterá em seu rumo e ritmo, a despeito de um ou outro sujeito, até que se formem em um corpo, que se organizem em comunidade tal qual ela é organizada em forma de engrenagem.

Por essa razão, talvez a organização dos sujeitos que participam do processo dentro da instituição e sua compreensão mais ampla e para além dos projetos (do sentido, da lógica e das condições objetivas em que se materializa a política pública) seja um caminho pelo qual este estudo insiste. Quanto mais estes sujeitos tiverem consciência do processo e de seu papel nele, maior probabilidade dos projetos funcionarem.

Quanto à **Universidade**, seus sujeitos diretamente envolvidos demonstraram para com os projetos, uma espécie de entrega dedicada por convicção, senso político social, filosófico-ideológico – coisa que o valha. Estes sujeitos são postos entre esta ação e as obrigações normais decorrentes do seu vínculo de docente: *práxis* do ofício, por assim dizer.

Neste sentido, entre a vontade e a possibilidade, colocam e indagam:

“Em um semestre eu tinha aula [na UnB] segunda quarta e sexta. Que dia eu ia pro campo? Eu ia e voltava, porque no dia seguinte tinha que estar aqui. E quando eu ia pra dormir, era no final de semana, que muitas vezes não acontecia aula. Então nosso olhar aí fica muito restrito”.

No sentido do compromisso e necessidade pedagógica, viu-se que buscam cumprir junto a ambos os espaços suas obrigações institucionais e realizar sua militância / trabalho

social, e apontam isso como “um processo interessante de formação e amadurecimento”, mas já expressam também, uma preocupação quanto à suficiência daquilo que lhe é possível diante do que indica ser necessário.

Então sua ação funciona na medida em que o sujeito consiga fazer uma integração entre as ações do projeto (extensão) e as demais ações de ensino e pesquisa que realiza na tentativa de potencializar o seu tempo e fortalecer as respostas que busca dar às demandas do processo ao qual se dedica.

Quando isto não é completamente possível, este sujeito tem feito movimentos de buscar ajuda dentro da instituição no sentido de envolver outros profissionais no processo, de forma a suprir as necessidades que ficam pendentes. Isto, quando acontece, é mediado pelas coordenadoras, pois a instituição não tem uma forma mais orgânica de lidar com esta situação.

Embora o Pronera EJA sempre tenha estado vinculado à Faculdade de Educação, cada projeto tem funcionado de forma isolada e autonomamente, sem uma continuidade pedagógica. Cada grupo que a ele se vinculou fez o seu percurso sem um claro diálogo com o grupo antecessor ou subsequente. Isto se reflete na forma como os materiais produzidos, documentos etc. são encontrados: de maneira caótica, sem uma clara lógica de arquivamento, ou acesso; estocados em prateleiras e armários como algo que já passou, como se pouco tivessem significado, carentes de reconhecimento que lhes valorizem e espaço que não lhes sejam próprios. Talvez haja necessidade de construir o reconhecimento deste processo como algo intrínseco à extensão universitária da Faculdade de Educação que, como tal, se constitua como memória, como espaço físico e como comunidade, parte de seu projeto político pedagógico maior.

Politicamente, estes sujeitos fazem uma interface dialógica entre o Incra e o Movimento Social, no sentido de conciliação e tensionamento, de acordo com a necessidade do momento. Hora media a relação entre estes dois espaços – ainda tão antagônicos – fazendo com que se mantenham no mesmo “barco” e em possibilidade de trabalho conjunto, hora fomenta e ajuda a articular o Movimento Social para sua investida sobre o Estado, por exemplo quando da lentidão dos processos burocráticos e da urgência posta pela realidade em movimento.

Neste sentido exercem o posicionamento como uma possibilidade diante dos processos dinâmicos e das instituições lineares.

Na perspectiva do sujeito assentado / acampado, o processo se dá num âmbito de expectativa, que é de continuidade. Notou-se que quando esta continuidade se interrompe, surgem dificuldades concretas na sequência dos trabalhos em sala e que isso gera dúvidas, as quais acarretam dificuldades concretas e abstratas na sua aprendizagem.

Percebe-se que o retorno destes sujeitos à sala de aula demanda a construção de vínculos de confiança entre educando, educador e projeto. Esta confiança vai sendo tecida nas relações cotidianas de acordo com sua consistência pedagógica e pessoal, assim como no cumprimento das promessas e combinações feitas desde o início. Nesse sentido, qualquer paralisação põe o sujeito em alerta e perguntas como a que vem trazida abaixo demonstram o tom das desconfianças e receios vividos pelos educandos e educandas em seus processos de retorno ao ambiente escolar:

“Vai ser igual da outra vez, que a gente mudou toda a vida e depois não aconteceu nada? Ou começou e não terminou?”

Esta instabilidade atua desestruturando seus esforços para dar o salto educativo que intentam, quando seria necessária uma superação cotidiana dos diferentes fatores que o impediram, até então, de acreditar em si mesmo e na possibilidade de aprender – “papagaio velho não aprende a *falar*” – e de então acessar seu direito à educação.

Este estudo sinalizou que *“todos os dissabores das outras vezes, que eles guardam”* podem gerar um processo de sensibilização para a descrença nos projetos desta natureza, o que dificulta o próprio andamento dos projetos subsequentes. Para estes sujeitos o PRONERA não se constitui de projetos isolados: ele é toda a história que desenvolveu na região: passado, presente e possíveis continuidades futuras.

Neste momento, este sujeito também experimenta o conflito, mobilizado entre a insegurança e o desejo, a exemplo da Rosilene lá do PA Renascer, que *“acha que não consegue mais, mas vai tentar”*.

Quanto a isso, a pesquisa demonstrou que, no seu movimento humano, o sujeito não executa apenas procedimentos, operando ferramentas como para dar funcionamento a programas, que são meios pelos quais se busca atender a alguma coisa ou a algo ou a alguém. Este é o comportamento da instituição, próprio da sua composição. O sujeito, ao contrário, mostrou-se como aquele que mobiliza delicadas questões da ordem do anseio, do medo, do desejo e do sonho, atrelando estas questões à ordem social e prática de suas vidas, como quando dizem:

“Então qualquer serviço, emprego, a primeira coisa que a pessoa vai perguntar é se a gente tem estudo...”.

“Se não tem estudo, não resolve nada”.

“Tudo só vai com estudo”.

“É ruim demais a gente não saber”.

“Faz falta demais”.

“Em tudo que você vai fazer a primeira coisa que eles perguntam é se você tem estudo”.

*“A gente fala **não**, então é uma porta que fecha pra gente. E tendo o estudo não, abre duas, né?”*

E vão dizendo:

“Sinto vontade de estudar”,

“Tenho muita vontade de ler e escrever”

Porque e ainda que

“Quando pequeno não podia estudar”.

Às vezes por que

“Tinha que trabalhar – irmão mais velho”.

Ou por que

“No meu tempo meu pai nunca deixou”,

Condicionado a pensar

“Que menino tinha era que trabalhar; que serviço de menino é pouco, mas quem impede ele é louco”.

“E principalmente filha mulher”,

Para quem o tempo-cultura patriarcal dizia:

“Eu tenho é que botar pra trabalhar pra vida melhorar... Pra estar evitando de ela aprender e ter tempo de escrever cartinha pra namorado”.

Sendo que *“Eu aprendi a assinar o nome mal, mal, porque quando eu completei vinte anos eu fiquei noiva e entrei no MOBREAL, pra fazer o nome pra casar”...*

E

“Se hoje eu sou analfabeta e idiota como eu sou...”.

[...]

São exemplos de muitas pessoas que se juntam numa mesma condição de vida e fala relatando, mais que condições, sentimentos de quem ao se expressar interpreta e se consolam de que

“Naquela época os pais era desse jeito mesmo”,

Compreendido pelo outro, que diz:

“É o tempo, tinha a ignorância”.

“E Muito”.

Relacionadas a isso, percebemos nuances se abrindo como convites para futuros estudos relativos ao que surge como desejo de retornar aos estudos e receio de se permitir, questões estas que, por hora, apenas indicaram que, de alguma forma e em alguma medida, um enorme campo de emoções e representações subjetivas se mobilizam ao anúncio da oportunidade que o PRONERA representa ao se propor dentro de uma comunidade.

As condições estruturais e logísticas também estão relacionadas com as dificuldades, como quando colocam que *“O irmão mora lá pra longe”*; embora haja quem diga que, *“se morasse cinco quilômetros e interessasse, eu vinha, de qualquer maneira. Eu vinha montado, eu vinha de pé, eu vinha antes do horário pra chegar na hora certa. Tem que ser assim, se a pessoa tiver interesse... Eu já cansei de andar duas léguas de pé pra ir na casa duma namorada, com doze quilômetros...”*

E também com questões de saúde, sobretudo a visual, relacionada à idade e agravada pela falta de óculos e dificuldades de se realizar as previsões de atendimento a essa necessidade identificada dentro dos projetos:

“A maioria dos educandos são ‘pessoas de idade’ e a visão já não contribui muito. Isso acarreta consequentemente numa possível evasão dos processos”.

“Muitas desistências ocorreram porque os óculos não veio no tempo certo”.

“O que mata a gente mais é essa falta de óculos”.

ASPECTOS PEDAGÓGICOS – A COMPLEXIDADE DE EDUCAR JOVENS E ADULTOS

Nosso olhar notou algumas questões que relacionam aspectos políticos e pedagógicos de maneira *mui* séria quanto à alfabetização e escolarização que se dá por via desses processos.

Percebemos, por um lado, que *“a alfabetização é uma coisa complexa; [que] o processo de alfabetização é uma construção muito delicada; [que] se a gente não assumir a complexidade, não é só a pessoa ter vontade de aprender”*.

Por outro, percebemos que, embora em alguns casos o empenho do educador / a qualifique o processo, a realização deste trabalho demanda uma formação consistente e especializada, sobretudo dadas as condições dos sujeitos que se dispõe a realizar este trabalho de educador e educadora do campo, onde muito raramente esta formação esta presente.

Tal formação se fortalece como necessidade nesta fala de quem então viveu e conhece seu significado:

“Sem desvalorizar o trabalho delas [educadoras populares do campo], como faz diferença ter um Ensino Superior formado! Como a gente tem mais facilidade de entender os processos pedagógicos, de aprendizagem, distinguir quais as metodologias se aplica, por causa de um embasamento mais centrado, com foco maior na educação em si e não só no ensino, passar conteúdo. A gente, enquanto em formação pra docência, pelo contato mais aprofundado que temos – e maior entendimento do que é educação do campo...”.

Assim, relacionando a complexidade pedagógica da EJA no campo, a pouca ou quase nenhuma formação estrutural sistêmica especializada dos sujeitos que veem tentado realizar esse trabalho, e a importância que isso tem para que se realize tal desafio, este estudo apontou, sobretudo, para a necessidade de ações que deem respostas a este quadro-retrato que se revela.

Assim, relacionando as complexidades do assunto sobre o qual estamos a nos referir, EJA no campo, com sua ordem política, cultural, pedagógica e logístico-estrutural, qual seria a importância e necessidade de formação de um corpo docente composto por sujeitos do campo? Quais as possibilidades de a Universidade de Brasília, mais especificamente a Faculdade de Educação, que trabalha com os Movimentos Sociais já há pelo menos quatorze anos, no sentido da EJA (Campo – Reforma – Agrária DF) abrir uma turma de Pedagogia da Terra ou algo correspondente conectando os projetos de EJA a estes processos de formação docente? O que nos é possível além do que se tem feito para que estes educadores e educadoras possam, de maneira justa e consistente, enfrentar seu desafio de realizar na prática a Educação do Campo que já está tão bem desenvolvida na sua teoria?

A compreensão desta necessidade a qual esta pesquisa chegou aponta a importância de que isso se faça para que a Universidade requalifique e potencialize sua ação através das coordenadorias que exerce junto aos projetos, bem como seu trabalho de fazer e refletir contribua para autonomia pretendida em sua Extensão mediante a qualificação pedagógica do

campo ao seu redor e melhor configuração temporal dos processos vivenciados. Para isso é importante que então disponha neste processo de seu mais precioso artigo: a formação sistêmica, inicialmente em nível de graduação.

DISCUSSÃO

Os perfis dos sujeitos que participam dos projetos de EJA analisados parecem indicar que, dentro da instituição (UnB), há um contingente de mulheres na faixa etária acima dos 30 anos, com perfil de militância ou ligações com os movimentos populares e processos sociais ou com perfis de simpatia e afeto pelas pessoas e suas lutas, além de uma categoria variada de jovens estudantes de ambos os sexos, também com vínculos com a educação popular ou processos extensionistas. Por parte dos coordenadores / as locais, enquanto tenha se notado vínculos com os movimentos sociais, e por parte das educadoras, que são prioritariamente mulheres, histórias de vínculos com os movimentos, mas também outros de natureza religiosa, familiar ou educacional.

Pode-se dizer que mesclam-se, aqui, dois perfis que nem sempre são claramente distintos: um perfil militante e um perfil assistencial. Seria necessário um estudo mais profundo para que pudéssemos compreender as relações que se estabelecem entre estes dois perfis e como eles acentuam ou dificultam o andamento das relações entre estes sujeitos e os processos institucionais. Note-se, porém, que, embora exercendo papéis semelhantes, pode-se dizer que nem todos os sujeitos estão neste processo pelas mesmas razões e que nem sempre têm a mesma consciência dos processos com os quais se envolveram ou aonde se quer chegar com eles. Percebe-se que, em termos de resistência, estes perfis contribuem para que os sujeitos permaneçam presentes, mesmo em condições adversas; porém, não fica muito claro como eles dialogam na relação de construção dos processos pedagógicos e institucionais, nem o quanto suas expectativas podem ser complementares ou contraditórias.

Já os educandos apresentam-se como pessoas de faixa etária majoritariamente avançada que apontam para a necessidade de estudar como superação de uma história passada de negação do direito, especialmente pela família, e como possibilidade de futuro em termos de ampliação das chances e abertura para novas oportunidades, das quais até então estão privados pela ausência do estudo. São pessoas com dificuldades para entrar e permanecerem no processo, com pouca confiança nas suas chances de sucesso e que buscam uma relação de apoio e confiança, um Eu-Tu com suas/seus educadoras/es, com o projeto e com a própria política pública. Para este perfil, tudo que transforma este Eu-Tu em Eu-Isso é vivido como sofrimento ou afirmação das razões para desistência e, neste sentido, exige dos demais atores, em todos os níveis, um esforço adicional para que não se rompam os processos quando a instituição prolonga demasiadamente seus prazos de espera.

Do ponto de vista das relações entre os diferentes grupos que participam do processo, o que inicialmente surgiu como três espaços: Instituição de Ensino, Incra e Movimento Social, logo tornou-se quatro, sendo os assentamentos e acampamentos este quarto.

Cada qual destes, pelo modo de se colocar ante as questões, se caracteriza e apresenta, pelas referências aqui trazidas, elementos de comunidade e de não comunidade.

As pessoas nos acampamentos do projeto comportam-se de maneira distinta, enquanto Movimento Social, daquelas nos assentamentos. Nos primeiros, percebe-se uma união em torno de uma pauta comum, a luta pela terra, enquanto nos assentamentos surgem novas demandas individuais, ou formas de organização coletiva, que interferem nos vínculos que os sujeitos mantêm com o movimento de luta pela terra, com suas pautas e seus rumos, que são essencialmente coletivos. Isto fica refletido na postura das associações, que, neste segundo momento, como referências organizadoras nestes espaços, são capazes de preservar os vínculos comunitários ou fragiliza-los no interior do assentamento.

O movimento Social indica o sentido de vínculo e comunhão entre os seus membros. Para além dos conflitos e tensões dentro de si, ele segue coeso em seus propósitos sociais, a exemplo da luta pela terra e educação do campo. Assim, nos termos de Buber (1987), ele alcança o sentido de comunidade, pela participação orgânica da coletividade nas decisões comuns. É deste processo, vivido na forma do atrito formador, pela participação das diversas visões, pensamentos, opiniões etc., que surge o gesto democrático, que seria a essência comunitária.

Já o espaço comumente tido por comunitário, como o assentamento, sem as características do Movimento Social, pode tornar-se apenas lugar, espaço geofísico, e perde os elementos orgânico-organizadores e perde, junto com isso, a democracia, cuja ausência leva à fragmentação, o que torna o lugar essencialmente não comunitário.

Neste sentido, o Movimento Social é comunidade e a Comunidade, sem características de movimento social, não... Pelo que vai se perdendo de suas raízes, de sua história; perdendo a referência das lutas e das conquistas.

O desconhecimento quanto às origens do PRONERA, por parte de algumas educadoras e muitos / as educandos / as, pode ser resultado dessa fragmentação, que mantém e gera ignorância histórica desenraizando as pessoas dos processos que elas mesmas construíram enquanto coletivo.

As instituições Incra e Universidade, mantidas dentro da Instituição-Estado, por ordem de sua natureza, são regidas, digamos, pelos mecanismos próprios dele, Estado, e são

obrigadas a agir de acordo com o que costumeiramente se chama *tramite*, substantivo ao qual se junta o termo *legal*.

Enquanto instituições, não podem escapar a isso. São suas leis de funcionamento. Como tais, operacionalizam e operam projetos momentâneos do Governo; dão funcionalidade e funcionamento a eles; empregam força para pôr em ação a estrutura da qual fazem parte. Esta estrutura é o conjunto mecânico da sociedade, sobre a qual o Estado se assenta e dirige (BUBER, 1987).

Nestes espaços, para além dessa natureza, pouco ou quase nenhum movimento existe no sentido institucional, pela rigidez e consistência das estruturas. Então a instituição *é* dura ante as necessidades que surgem no espaço da vida, ainda que as reconheça... Porque embora as reconheça, não as sente, sendo o sentir de outro reino, do reino ao qual pertencem os sujeitos no seu interior. Daí que anteriormente surgiram os termos *funcionamento* e *comportamento*, indicando a coexistência de dois reinos: reino da máquina / reino da vida.

Aí se dá um delicioso conflito, porque tendo cada espaço características próprias de seu modo de ser, o institucional e o pessoal, eles coexistem... E se tensionam. O primeiro tensionado pela demanda social ante o burocrático-legal e o segundo pelo sentido de valores que vê naquilo que faz, ante a morosidade do sistema por via do qual se dá o seu fazer.

Enquanto sujeitos, do reino da vida, passíveis de sensibilidade a ela e às suas questões, trazendo as dimensões técnicas e afetivas juntas, os sujeitos são impelidos a uma postura político-administrativa de imparcialidade executiva e fidelidade aos marcos normativo-regulamentadores (atento aos órgãos fiscalizadores), com tendências à neutralidade de sua pessoa ao tempo que são tensionados pela espécie de angustia que sentem quando do “pode” e do “não pode” frente ao “é preciso” e “pra já”, a partir do que sua ação então vai se caracterizar como “postura” ou “posicionamento”. Todavia esta angustia sempre será um alerta para sua condição humana, trazido na forma da responsabilidade social e afeição que sentem pelos processos que ajudam a desencadear.

Estas pessoas institucionais habitam entre o que vivem e o que sentem, cortejadas pela ordem externa que lhes chama à segurança da adequação às normas, ao tempo que são provocadas pelo caos interno que lhes mostra a inadequação e insuficiência daquela ordem diante da vida que pulsa para além do sistema e da possibilidade dos tramites.

São mediadores entre as necessidades no cotidiano dos assentamentos e as possibilidades / potenciais de suas instituições.

Neste fazer, o Incra busca e encontra diálogo com a Universidade: consubstancia seus marcos e fundamenta a redação de seus textos, em termos de conceitos e números. Sobressai-se como instituição às vontades, desejos e angústias de seus sujeitos; cria suas comissões de avaliação. Faz e refaz constantemente seus Manuais de Referência quando estes começam a cristalizar-se como mecanismos descontextualizados de avaliação do núcleo burocrático do Estado.

Recebendo as propostas da Universidade, o Incra avalia e firma os termos de cooperação (modalidade pela qual se dá a ação entre duas instituições federais) e então passa ao cumprimento *protocolar* de sua parte neste processo, que se reinicia a cada projeto. Deixa algo de si, o assegurador, mais próximo à realidade, como tradutor daquilo que acontece para além da instituição. Sua postura e sua ação, neste sentido, são chaves importantes e seu perfil pode imprimir mais ou menos força a esta relação entre sociedade e instituição.

O Movimento Social, ou ele é comunitário ou deixa de ser movimento. Mas, uma vez instalado o assentamento, viverá as tensões resultantes das formas de organização demandadas pelo Estado, que, no caso do PRONERA, são as regras, os procedimentos, as seleções, avaliações e prestações de contas. É neste encontro e nestes processos que se manifesta a “rebeldia” que se oriunda da tensão entre o *necessário* e *urgente* que constituem as demandas comunitárias e o *possível* estabelecido nas regras do Estado.

A Universidade, enquanto instituição é proposta (protocolo), resultados (espera), prestação de contas (análise), cumprimento das normas que vem diretamente do Estado. Todavia, sua autonomia político-pedagógica, cujo componente democrático traz os sujeitos para os debates da construção das normas e regras internas até certo ponto, faz com que ela seja mais do que isto, do que esta sequência mecânica. Ela também é sólida, também é rígida, mas como um chão a partir do qual seus sujeitos podem ganhar asas, se movimentar... E o têm feito de maneira que como sujeitos, especialmente professores e estudantes, se sobressaem a ela como instituição. E, por seu movimento, passa a existir a possibilidade de transformação. Estes sujeitos passam, então, a experimentar e a sentir, a fazer, refazer, a gostar e desgostar, errando e aprendendo muito, muito humanamente em seus encontros e atritos, comunicando-se, vivendo através dos espaços e dos processos, individual e coletivamente, um sentido de comunidade. Então este sentido de comunidade que realiza enquanto sujeito é levado consigo para dentro da instituição, e é justamente no encontro com esta comunidade que as coisas se movem e novos aprendizados podem se transformar em produção de conhecimento genuíno e em formação política, profissional e existencial.

Esta é uma das importantes dimensões do Sujeito dentro da instituição: sua importância em dar dinamismo aos projetos movendo-se por dentro das estruturas e participando na decisão de seus rumos... Além de fazer a necessária interface entre as sólidas estruturas. São como discos entre as vértebras rígidas de um corpo que sem eles pouca possibilidade teria de se articular, se movimentar. Discos articuladores que, sem a estrutura das vértebras-instituições, talvez pouco conseguissem com seu puro movimento em busca de realizar sua natureza, que é de fluidez e diálogo; talvez pouco pudessem no sentido de interligar bases e cabeças a fim de que a essência de uma chegue a outra pela interpenetração fecunda da qual surgem novas possibilidades e nova vida.

Instituição e Sujeito são também interdependentes e a organização de ambos é fundamental para que, com a ajuda de um ao outro, cada qual melhor realize seu trabalho e propósitos de existir. Assim, a instituição pode dar consistência ao sujeito e o sujeito gerar movimento no interior da instituição.

É aqui que a possibilidade do curso de Pedagogia da Terra ou similar se abre como a mais ampla, profunda e significativa fenda de possibilidades, porque, de maneira prática, supera as distâncias e põe em contato direto a Universidade e a Base, numa relação intermediada pelo Incra e pelo Movimento Social.

No âmbito do PRONERA, assim como se dá em outros programas e ações, admite-se educadoras / es populares sem formação superior em pedagogia. Isso é um avanço conceptual sociológico, enquanto superação da obrigatoriedade do diploma – que Althusser chama de capital institucional –, mas por conta de sua não obrigatoriedade deve-se entender que não haja necessidade de tal coisa, não no sentido do diploma, mas da formação, sobretudo?

O que é fazer EJA?

O que seria a EJA do campo e da Reforma Agrária?

Quais os desafios que estão colocados às educadoras e educadores?

O que seria necessário para fazer frente aos desafios neste contexto?

Que formatos podem ser pensados, construídos e praticados para organizar melhor este trabalho / missão?

O que é o PRONERA no sentido destas questões?

O que pode ser movido no Incra? O que precisa ser revisto no Movimento Social? E nos Assentamentos / Acampamentos? O que a Universidade precisa rever neste processo com relação ao seu papel?

O trato com os dados levantados mencionou a relevância da formação acadêmica, para o exercício docente, no sentido de preparo e fundamentação para a alfabetização, que não é fácil e nem simples, mas uma tarefa complexa.

Então o que significa a admissão / incumbência dessas educadoras e educadores com suas atuais condições de formação para realizar esta alfabetização / escolarização de jovens e adultos do campo, com toda sua complexidade pedagógica?

Aos olhos dessa pesquisa isso pode significar um passo importante, porém insuficiente na superação das condições nas quais os sujeitos se encontram. À título de atenção e cuidado para não se negligenciar o que a própria ciência sabe a respeito da complexidade da mencionada tarefa, e de respeito à moral destas educadoras e educadores, propõe-se que os espaços e sujeitos envolvidos pensem juntos os rumos e as condições pedagógicas e político-estruturais para os seguintes passos a partir daqui, afim de que se caminhe mais clara e consistentemente dentro do que se busca alcançar.

O educando, sujeito mais numeroso dentro do PRONERA, quando ignora as questões relativas ao seu surgimento, adota para com esta política esta postura de “Ôpa! Já estava esperando aqui há tanto tempo; caramba, nem esperava que vocês fossem vir, mas como vieram, maravilha! Vocês são bem bacanas. A gente precisa mesmo disso e daquilo e daquilo outro. Se vocês puderem trazer pra gente vamos ficar muito gratos”.

Então que, louvada a capacidade de gratidão, esta atitude súplice e filial, que anda de mãos dadas com a ignorância, é recorrente em quem se criou alheio à escola e privado dos caminhos que ela possibilita. Mas isso não surpreende, podendo antes ser entendido como resultado da cultura patriarcal assistencialista “na *qual* o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, é mais ‘coisa’ que homem mesmo”, como diz Freire (1967, p. 42). Tal ocorrência pode ser entendida, ainda, como um sucesso desastroso dessa cultura-cativeiro. Um prejuízo que a *luta-pedagógica do movimento* que o levou de volta a terra não foi suficiente para superar (CALDART, 2000).

No entanto, só com estes sujeitos, sem ler, sem escrever – num certo sentido sem participação – é que podemos entender a história educativa brasileira, a qual para ser composta é preciso que se leiam os que ainda não escrevem e que se inscrevam os que ainda não leem; onde sua importância esteja ao lado com aqueles e aquelas que já o fazem, no sentido de que tal história não possa ser contada por nenhuma das partes apartadamente sem

que se torne mera parcialidade... Por que embora cada qual traga em si os reflexos e marcas dos demais, apenas com todos existe chance de ela ir se compondo inteira.

Se estamos caminhando rumo a isso, e se o estamos fazendo de forma satisfatória, como já colocado, só pode ser sentido pelo Sujeito; portanto ele é quem deve anunciar a necessidade de se enfrentar os desafios rumo àquilo que quer e precisa, fomentar que as coisas se movam rumo à superação das dificuldades que sente.

A instituição, mecânica, montada sobre estruturas que vão para além das pessoas, esta consegue, diante das necessidades, tranquilamente esperar pelo tempo, por exemplo, jurídico ou administrativo, até que se reajuste e recomece, independente das consequências que isso gere nos “processos reais”, porque, para ela, isso significa seguir, dar continuidade.

Mas a o lugar do indivíduo, orgânico, composto de necessidades, desejos e expectativas, não sustenta os mesmos tempos. Sua dimensão não é uma estrutura, ou, se é, é movida pelo ímpeto do acontecimento cotidiano que faz e refaz os vínculos, em continuidade através do tempo, sem interrupções.

Para o sujeito, este tempo institucional é sentido como ameaça de ruptura, o que remete a sensação de abandono, *mais um descaso do Estado para consigo*, com os sujeitos do campo; é quando se perguntam: “*vamos mudar nossa vida toda mais uma vez pra nada?*”.

Neste momento tal coisa quebra sua confiança no projeto e dissolve o vínculo, o que implica não só em descontinuidade, mas em comprometimento da motivação, do rendimento do aluno, resultando em possíveis evasões.

Ressalta-se que este sujeito esteve com a brasa dormente por quarenta, cinquenta anos, até o soprar da brisa – que é o PRONERA –, quando então ela se acende, inicialmente rubra – que é cor da brasa ainda fria – com tendências a alaranjar-se ou a se tornar no estado de carvão outra vez. Ressalta-se ainda, e muito seriamente, que este sujeito esfriado terá, na próxima vez, inimagináveis dificuldades outras de reacender-se, porque tal coisa requer Ânimo, algo que se multiplica no *sucesso* e que se consome no *fracasso*.

Neste sentido, enquanto o Estado segue o seu tempo institucional – o tempo burocrático – as educadoras que sentem isso e reconhecem a importância do seu trabalho, passam a dar de si tentando preencher a lacuna deixada momentaneamente pela instituição e manter o projeto de pé, o que, como visto, deve ser feito pela instituição, que é estrutura, e não por ela, com suas características de movimento/comunidade.

É então que Instituição de Ensino, Incra, Movimento Social, Assentamentos e Acampamentos, com seus sujeitos, têm as condições para o fracasso, manutenção ou desenvolvimento do PRONERA, no sentido de realização de seu propósito de Educação do Campo, particularmente no campo da EJA, porque este espaço proporciona o fundamental encontro, nos termos do que está posto nos parágrafos primeiro, segundo e terceiro da segunda parte de nosso referencial (pg. 29).

Todavia, os quatro espaços apontam o PRONERA como avanço, uma possibilidade potencial no sentido do que não se tinha e que se passa a ter.

É então que, na medida do despertar e por meio do posicionamento dos sujeitos, nestas quatro bases, *dar-se-á nascimento à sociedade, pela comunicação entre si*. Esta sociedade, composta pelos *diversos*, e que exige o diálogo, é uma condição e uma sugestão pela qual se trabalhar, dada a tecitura ou natureza dos projetos que interligam estas quatro bases. Do contrário, ações apartadas sempre vão gerar anomalia e colapso dos mesmos, devido a não correspondência entre este modo de fazer e sua natureza orgânica, por assim dizer.

A forma como se tem trabalhado ainda está mais próxima deste último caso, ficando aquele como um desafio. Desafio constitutivo do espírito a partir do qual foi forjado o PRONERA e que o coloca, ainda hoje, como um avanço em termos de política pública e como campo de experimentação de relevada importância na construção do diálogo entre Sociedade e Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o funcionamento que garante a estabilidade e segurança do Estado, por seus tempos e modos de funcionamento próprios, não correspondem às necessidades humanas e não garantem atendimento a elas. Vê-se que tal como os processos têm se dado, as necessidades institucionais têm imposto um ritmo insuficiente e sufocante às necessidades da EJA no campo. Pede-se, então, que as pessoas, como sujeitos, se insiram e se posicionem em relação a estes processos em busca de transformá-los.

Neste sentido, o diálogo entre todas as partes envolvidas é imprescindível a fim de se superar as incompatibilidades advindas de interpretações isoladas e alheias ao ambiente do outro com suas especificidades; para que se tenha, no lugar da ignorância, clareza, e da demora, agilidade.

Existe a necessidade de se fazer novas amarras, envolvendo os quatro espaços e construir condições mais seguras e consistentes em direção ao que se pretende, entendendo que muito já foi vivido e que todos têm o que oferecer, assim como passos a dar, sobretudo rumo à formação de um corpo docente composto de sujeitos do campo, inicialmente em nível de pedagogia.

Considerando o percurso já trilhado, está na hora de a UnB, mais especificamente a Faculdade de Educação, pensar, se abrir e se lançar à experiência de um curso de Pedagogia da Terra, como tantas outras instituições de ensino superior já têm feito, nos estados do Espírito Santo – UFES / Mato Grosso – UNEMAT em 1999, Pará – UFPA, Rio Grande do Norte – UFRN, Rondônia – UFRO, Pernambuco – UPE, Rio Grande do Sul – UERGS em 2001, Bahia – UNEB em 2004; Minas Gerais – UFMG, 2005, São Paulo – UFSCAR ...

Fazê-lo seria um salto explícito em forma prática de seu compromisso com a educação do campo, em seu meio circundante, de compromisso com a terra, com a reforma agrária, com a sustentabilidade humana; uma legitimação de sua parceria com os movimentos sociais; uma forma de reconhecimento e valorização daqueles e daquelas com os quais já trabalha há no mínimo quatorze anos: as educadoras e educadoras populares do campo, que então fariam frente a esta missão fundamentados e fortalecidos pelo seu encontro com a Universidade.

A possibilidade que esta formação representa tem um significado único para a Educação do Campo, pelo potencial dessas pessoas. Este é um potencial que só elas mesmas possuem, porque o campo está dentro delas, dentro de suas vidas, junto com o princípio de educação, que acompanha a própria Vida onde quer que se manifeste. O que ainda lhes falta, é

a Pedagogia. Quando tal coisa for oferecida, estas pessoas poderão realizar, a partir de seu potencial único, a Educação do Campo em seu meio... Tendo em seu gesto de vida a consciência proposital e organizadora do gesto pedagógico.

A política pública que se tornou o PRONERA é uma afirmação da classe camponesa perante o Estado. É algo por meio do quê esta classe demonstra que não o nega nem rejeita, pelo contrário, sendo sua vontade dele também fazer parte, que dela Ele também se constitua. Ela diz mostra, com esta postura que traduz sua concepção de mundo, que nem Estado nem Sociedade, nenhum dos dois estão plenos e bastantes a si e em si mesmos. Ao chamá-lo, ela diz que não o desobriga para consigo, como pretende quem segregando poderia pensar e dizer “fique aí no seu lugar, onde você é bonito no seu jeito, sobre o qual criaremos datas e festejaremos folclore, onde talvez um dia passemos para te visitar e contigo tomar um chá”.

A educação que se pretende alcançar com o PRONERA no âmbito dos projetos é uma tentativa de superar a exclusão e a segregação político-cultural imposta pelo analfabetismo e também uma luta a fim de admissão dos inadmitidos e inclusão dos excluídos para que possam participar e contribuir como sujeitos da construção do todo social, valorizando e fazendo valorizar, o Estado do qual é parte e o contexto de suas raízes, de onde provêm. É neste sentido que ninguém mais que estes sujeitos tem tanto interesse em debater as questões educativas do campo e direito de se posicionar com relação ao seu modo fazer e as formas de seu desenvolvimento, para o que então é preciso que estejam tão inserido na universidade quanto a universidade em seu meio, trocando entre si, modificando e enriquecendo um ao outro mutuamente.

Deste modo, a conclusão deste trabalho é um caminho aberto indagando a respeito das condições pelas quais todos os envolvidos continuarão participando nesta jornada de EJA do Campo por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, sinalizando que é preciso que o as instituições estejam dentro dele tanto quanto ele dentro delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELIM, M. L. P; RODRIGUES, M. A. Evolindo e gerando conhecimento. In: Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR) / Amaralina Miranda de Souza, Leda Maria Rangearo Fiorentini e Maria Alexandra Militão Rodrigues, organizadoras. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação* / René Barbier. Tradução de LucieDidio. – Brasília : Liber Livro Editora, 2007.

BAUDUART, PHILIPPE. Espaçonave terra, - Online. Espaçonave terra. 1996. [Consult. 5 de agosto de 2013]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xY3E5d7iwAM>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*, 1984, brasiliense.

BUBER, Martin. *Sobre Comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por N. Aquiles von Zuben. –8. ed. - São Paulo: Centauro, 2004.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra : escola é mais do que escola*. Roseli Salete Caldart. – Petrópolis, RJ : 2000.

_____. (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto.(orgs) – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREINET, Célestin. *Pedagogia do bom senso*; tradução J. Baptista. – 7ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2004. – (Psicologia e pedagogia.).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

_____. *Pedagogia do oprimido*. Paulo Freire. – 50. ed. ver. e atual. – Rio de Janeiro : Paz Terra, 2011.

LÉVY, Pierre, *A Inteligência Coletiva* São Paulo: Ed Loyola 1998.

NERUDA, Pablo. *Livro das perguntas*. Neftali Ricardo Reyes; tradução de Olga Savary. – 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. *Educação do campo e políticas públicas no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais do campo na instituição de políticas públicas e a licenciatura em educação do campo na UnB* / Clarice Aparecida dos Santos – Brasília: Líber Livro; Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, 2012.

TELES, Selva e MIRANDA, Socorro. Apresentação do sistema rio abierto: histórico e princípios. Brasília: (mimeo), 2007.

ZARAGOZA, Jose Manuel Esteves, *O Mal-Estar Docente. A sala de aula e a saúde dos professores*, Bauru, São Paulo, EDUSC, 1999.